



Duplicate

A ESCOLA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estados Unidos do Brazil

Revista do Gremio dos Professores Publicos

— DO —

Estado do Paraná

— Director : — *Dario Vellozo* —

ANNO IV — Curitiba, Junho de 1909 — N. 1

SUMMULA :

I— <i>A Escola</i> , Redacção.. .. .	3
II— <i>Escola Moderna</i> , Caetano de Andrade.. .. .	3
III— <i>Da Escola Moderna</i> , Dario Vellozo.. .. .	7
IV— <i>Ideas Novas</i> , Verissimo de Souza	12
V— <i>Filologia e Grammatica</i> , Conego Braga.. .. .	15
VI— <i>A Republica</i> , Victor Greien	22
VII— <i>Assumptos pedagogicos</i> , Raul Gomes	23
VIII— <i>Estudos sobre a letra A</i> , Verissimo de Souza	34

Assignaturas :

Anno 6\$000

Semestre 4\$000

REDACÇÃO:—Rua Silva Jardim, n. 108

ESCRITORIO:—Rua Voluntarios da Patria n. 67

Instrução Publica do Paraná

Secretario do Interior : Coronel Luiz Xavier.
Director Geral : Dr. Arthur Pedreira de Cerqueira.
Inspector da Capital : Dr. Benjamin Lins.
Secretario : José Conrado de Souza.

Directoria do Gremio dos Professores

Presidente : Julio Theodorico Guimarães.
1.º Secretario : Verissimo de Souza.
2.º Secretario : Lourenço de Souza.
Thesoureiro : Brazilio Costa.

«A Escola»

O *Noticiario*—a cargo do Professor Lourenço de Souza.
O *Expediente official*—a cargo do Prof. Francisco Guimarães.
Secretaria — a cargo do Professor Verissimo de Souza.
Expedição — a cargo dos professores Julio T. Guimarães e
Brazilio C. Costa.

A *Escola* deixará de publicar artigos que não tragam a assignatura do auctor.

A inteira responsabilidade dos artigos fica aos seus signatarios.
A *Redacção* não é solidaria com as ideas dos srs. collaboradores.

Aos Srs. Collaboradores pedimos enviar os trabalhos, até 15 de cada mez, á Redacção :—Rua Silva Jardim, 177.

O thesoureiro do Gremio acha-se á disposição dos srs. socios para o recebimento de suas mensalidades, nesta Capital, á rua Misericórdia n.º 5.

Os membros da Directoria offercem seus serviços aos srs. socios para o fim de receberem seus vencimentos.

Os srs. socios que quizerem utilizar-se desses serviços queiram enviar-nos procurações devidamente legalizadas, bem como instruções referentes á remessa do dinheiro.

Escolas publicas do districto da Capital, professores que as regem e logares onde funcionam

Cadeiras para o sexo masculino :

- 1.º Brazilio Ovidio da Costa—Rua Garibaldi.
- 2.º Verissimo de Souza—Batel.—Escola Cruz Machado.
- 3.º Lourenço de Souza—Grupo Xavier da Silva.
- 4.º Julio Theodorico Guimarães—Escola Oliveira Bello.
- 5.º Lindolpho P. da Rocha Pombo—Grupo Xavier da Silva.

Cadeiras para o sexo feminino :

- 1.º Julia Wanderley Petrich—Escola Tiradentes.
- 2.º Maria da Luz Ascensão—Rua Marechal Deodoro.
- 3.º Esther Pereira—Rua Visconde de Guarapuava.
- 4.º Itacelina Teixeira—Avenida Luiz Xavier.
- 5.º Alexandrina Pereira—Rua America.

A ESCOLA

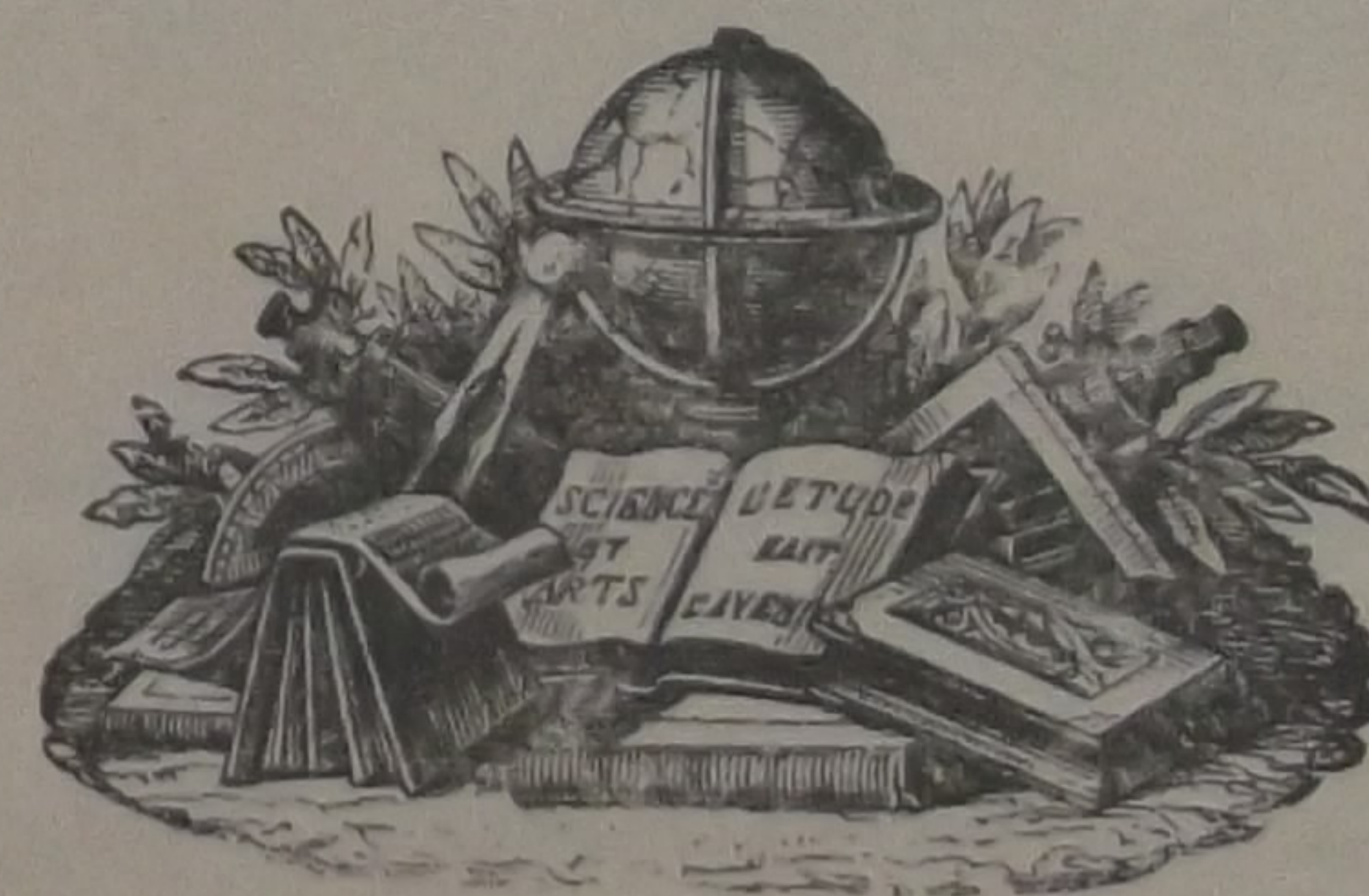
REVISTA DO GREMIO DOS PROFESSORES PUBLICOS

DIRECTOR :

DARIO YELLOZO

TOMO IV

1909

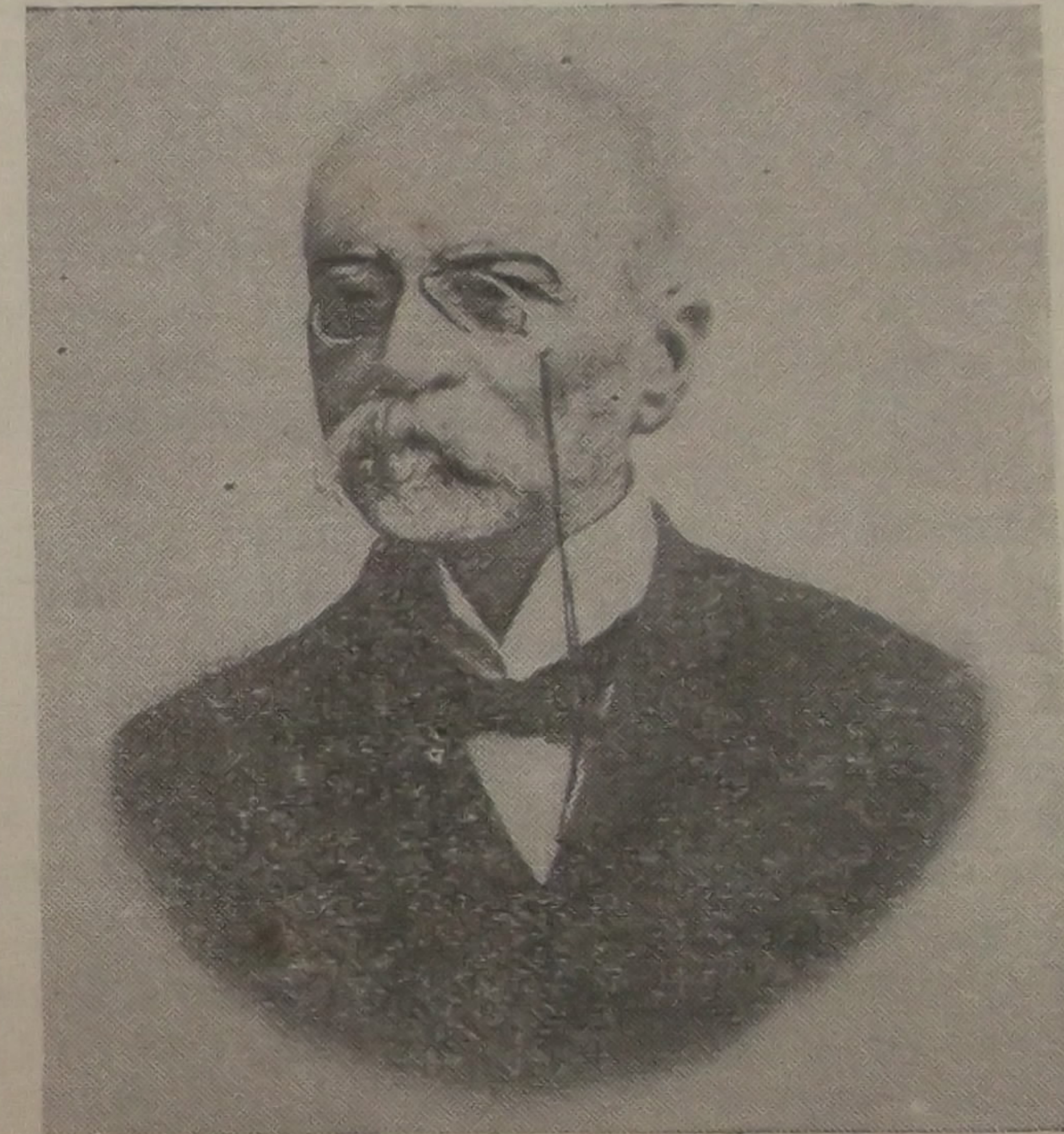


CORITIBA

Typ. e Lith. a vapor «Imp. Paranaense»

1909

Dr. Affonso Augusto Moreira Penna



Publicando êste retrato, presta a nossa modesta revista pedagogica um preito sincero de civismo á veneravel memoria do dignissimo presidente da grande Republica Brasileira, que no dia 14 do presente mez cessou de viver a vida temporal, havendo concretizado a sua dedicação inperterrita pâra com a gloriosa Patria de que foi um dos mais incansaveis servidores e desvelados chefes.

Honra pois dêste modo o Gremio dos Professores do Paraná ao inclyto e immenso Brazil, consagrando ésta esmaecida homenagem ao nosso grande concidadão que, descendo ao adito escuro do sepulcro, entrou a viver perennemente no seio augusto da História.

A ESCOLA

Revista do Gremio dos Professores Publicos do Estado do Paraná

A ESCOLA

A Directoria do Gremio dos Professores Publicos resolveo proseguir a publicação da *Escola*, mesmo sem a subvenção do Estado, e apenas contando com a boa vontade do professorado e assignantes, em vista dos reaes serviços que esta revista prestava á instrucção publica.

Espera merecer tambem a collaboração daquelles que a quizerem illustrar com suas luzes.

Deseja que os Srs. professores lhe enviem o movimento de suas escolas, livros adoptados, methodos preferiveis, bem como a elucidación de assumptos que se prendam ao magisterio, ao saber.

Tudo quanto de bem fizermos pelo ensino, não será em pura perda. Só pela educação a creatura se eleva. O templo do saber é a Escola.

Coritiba, Junho de 1909.

A REDACÇÃO.

Escola moderna

Signa clara, symbolizando um futuro positivo que se abre aos destinos da patria republicana, temos sob as vistas, firmado por Dario Vellozo, o «plano e programma de estudos» para a *escola moderna*.

Idealização sua, complexa e integral; fructo de estudos lançados sobre theorias novas, mas adaptadas ao nosso meio social, a *escola moderna*, prestes a ser inaugurada no Paraná, onde Dario Vellozo é cathedratico de historia universal e do Brazil, no *Gymnasio Paranaense* e na *Escola Normal*, significa e pretende em seos fins a substituição do *bacharelismo*, tão em voga e tão em crise, pelo preparo serio da mocidade nacional para a formidavel lucha scientifico-industrial do universo contemporaneo.

Creemos que Pernambuco, — representado em seos homens e em seos governos, responsaveis uns e outros pelos seos progressos, que demoram em vir, — desconhece inteiramente o que é, na aspiração magnifica e seductora do illustre patricio, a *escola moderna*.

Definamol-a, com as proprias palavras do «plano e programma de estudos», afim de que defensores do obsoleto ensino academico, tão combatido por inutil na proporção ascendente de seos defeitos

insanáveis e de seus vergonhosos resultados praticos, possam deduzir a causa maxima, talvez, de nossa inferioridade humilhante no mapa das nações que materialmente e cultuamente progridem, deixando nos, inertes, sobre o passado de que fizemos, para não caminhar, este sombrio presente de agora.

«... Actualmente, após dez e mais annos de estudos estafantes que alienam o gosto e o desejo de saber, o joven, após os estudos secundarios, se encontra com bagagem mais ou menos equivocada de *noções theoricas*, — incapaz de ganhar o pão; e nova aprendizagem da vida começa, mais ardua e penosa.

«Outros que, prematuramente, abandonam a escola, em busca de meios de subsistencia, e se dedicam ao commercio, ás artes e officios, ficam, acanhados de espirito, incapazes de algo acima da rotina, inconscientes ou alheios á função politica da republica.

«A escola moderna preenche tão grande lacuna, a um tempo ministrando o ensino theorico e pratico.

«A escola actual encaminha á burocracia; a escola moderna, dando utilitarios ensinamentos, indica ao alumno a agricultura, o commercio, as artes e industrias.

«Da escola moderna o joven sae apto e forte para a vida.

«Aquelles dos alumnos que desejarem proseguir os estudos, consagrando-se ás profissões liberaes, poderão concorrer á matricula do 5º anno do *Gymnasio* ou cursar a *Escola Normal*. Os conhecimentos praticos adquiridos ser-lhes-ão sempre uteis.

«Como a AGRICULTURA seja, porem, a base da fortuna nacional, terá cuidadoso desenvolvimento nos diversos graus do curso.

«Dispondo de extensa area para cultura, laboratorios de physica e chimica, secções de serralheria, marcenaria, typographia, encadernação, alfaiataria, etc.; dispondo de parques e jardins, tanques de natação, stadios para jogos olympicos: — a escola moderna junta a educação physica á cultura mental, realizando rigorosas condições indispensaveis de hygiene e salubridade.

«O corpo docente é composto de professores que reúnem o saber ao caracter.

«Os alumnos terão sempre as explicações solicitadas, de modo a completarem as lições do curso que ficarão SABIDAS, o que não succede nas casas escolares em que mestres e alumnos só se encontram nas aulas.

«A vida de familia não é rompida, como nos internatos frequentemente acontece. A espionagem, os castigos corporaes — que tanto degradam porque abusos de força, — não existem.

«Os alumnos, em numero maximo de sessenta (60), distribuidos pelos diversos cursos, residem com a familia dos professores, encontrando no lar dos mestres prolongamento do lar paterno. Cada familia reside em edificio á parte. O influxo affectuoso e benefico da mãe de familia, pedra de toque na formação do caracter, não é alienado.

«Os alumnos do curso especial residem com o director, e com os

«sub-directores os dos cursos primario e secundario. Evitam-se as accumulações, em unico e só edificio.

«Os alumnos estão sempre em convivio com os professores, passando das aulas para as officinas, juntos na lavoura, nos jogos e nos recreios, passeios excursões, assim unificados no trabalho.

«A escola moderna é imagem da familia e da sociedade, — pela patria!»

Dividido o ensino em tres cursos, — primario, secundario e especial — o alumno aprende amplamente, mercê da habilissima disposição das materias, — portuguez, francez, inglez e allemão, latim e grego, geographia, chorographia, historia universal e do Brazil, arithmetica, algebra, geometria e trigonometria, physica, chimica, geologia, — mineralogia botanica, zoologia, desenho e musica, agronomia e colonisação, commercio e escripturação mercantil, pedagogia, industrias e artes.

Estas materias estudam-se pela manhan, de modo suave, impossibilitando fadiga.

Depois do meio dia o ensino é pratico, e consta de — jardinagem e cultura, artes e officios: collecção de mineraes, plantas e animaes; nivelamento, plantas, construcções de pontes, estradas, etc. — gymnastica, esgrima, equitação e natação.

A' noite, são as *diversões e occupações artisticas* na seguinte ordem: — segundas-feiras, — leitura, vidas illustres; terças, declamação, theatro; quartas, — conferencias litterarias e artisticas; quintas, — esculptura, modelagem, dança; sextas; — concertos, musica e canto; sabbados, — conferencias scientificas e projecções; domingos, — instrucção moral e civica. Logica.

Ha, no correr do anno, *ferias parciaes e grandes ferias*, «necessarios e salutaes repousos, nos intervallos das diversas partes do anno lectivo», e durante as quaes «os alumnos poderão volver á casa paterna, assim mantendo vivido o affectuoso elo da familia».

Não nos é facil transcrever todo o «plano e programma de estudos» da *Escola Moderna*, mas podemos afirmar que esta, calcada nos mais rigorosos preceitos da pedagogia moderna, e tendo para defendel-a a autoridade scientifica de Demolins, é o unico instituto de ensino que nos serve, neste doloroso estadio de deliquescencia moral, intellectual e de cultura que a patria vem atravessando, para abysmar-se de vez, se a mocidade inane que abi está, querendo um bom emprego publico, uma risonha sinecura vitalicia, não for educada, aproveitada como deve.

E' este o ensino que nos salvará, que nos dignificará, si os poderes publicos souberem, poderem vir ao encontro dos que reagem contra a rotina, — bachareis! bachareis! bachareis! — lá fora propagandistas chocalhando nossa cultura mental — irman gemea, porem alma vis dessa pobreza, dessa incapacidade industrial, artistica e profissional, — incapacidade de trabalho, — que nos miserabiliza aos esbulhados olhos do universo.

Somos, para victima dos sorrisos causticantes do planeta, uma Salamanca de celebridades juridicas, —doutores são caixeiros até, quasi sempre não são cousa alguma,—e, paiz assim, terra fidalga! não sabemos, tristes, fazer face á competencia utilitaria do exterior que nos suga a substancia economica de povo, conhecido bom freguez de sterlinas e de capacidade industrial e agricola emprestados ao typo mais alto, —noventa e nove por cento de agio sobre o nosso merito sem cotação no mercado fervilhante da actividade humana.

Pernambuco,—filhos de Pernambuco,—procurae conhecer a *escola moderna*:—o Paraná vae ensinar ao paiz de que forma se organiza uma patria digna dos homens de amanha...

(*Archivo Maconico*, Abril 1909).

CAETANO DE ANDRADE. »

Extrahimos esse bellissimo artigo de uma excellente revista do norte da Republica, do Recife, a cidade das fulgentes tradições.

Tivemos, lendo-o, a satisfacção de ver como nossa terra é idealizada lá fora, para cahirmos em seguida na amarga decepção da triste realidade.

Ensinar como se organiza uma patria digna dos homens de amanha!

Não resta duvida que Dario Vellozo é de envergadura para realisar a colossal empresa. Não resta duvida que todos que o conhecem assim o julgam. Mas o Paraná, cuja natureza faz da alma de seus filhos alma de artistas, de sonhadores, atravessa uma phaze dolorosa, —agoa estagnada, de exhalacões mephiticas, e que só permite vir á superficie os leves e os levianos.

Quem tem idéas, quem tem character como esse nobilissimo Dario Vellozo, é visto como inimigo e posto á margem como um perigo; só se aproveitam, na phraxe de Leoncio Correia, os homens bambus,—flexiveis e ócos.

Não será tão cedo infelizmente que o Paraná poderá ensinar como se organiza uma patria digna dos homens de Amanhan. Comtudo elementos não lhe faltam, nem lhe fallece capacidade; poderia fazel-o se não andasse corroido pela lepra da politicagem, mal influenciado por certos individuos, cuja accção corruptora, cujos exemplos dissolventes envenenam a sociedade em que vivem.

Esperemos, entretanto, da força que nas combinações humanas exerce um dia depois do outro; esperemos a hora de podermos ensinar como se organiza uma patria digna dos homens de amanha.

(Do *Estado do Paraná*, de 18 de Maio de 1909).

Da Escola Moderna

A ISMAEL MARTINS

Em o numero de 18 do corrente, do «Estado do Paraná», houve a gentileza de transcrever um artigo de periodico pernambucano, respeito á *Escola Moderna*, seguido de ponderados commentarios que agradeço.

Vaes permittir algumas considerações sobre o assumpto.

Não precisarei repetir-te é a *Escola Moderna* fructo de meditações, atravez quinze annos de professorado, onze de magisterio publico. O fructo sazou ao sol de infatigaveis estudos, exame de organizações escolares do extremo oriente aziatico, da Europa e da America, em o intuito civico de solver a crise economico social que se avoluma nos horizontes da terra brasileira, mais particularmente no Estado do Paraná, cujos recursos naturaes, costumes e orientação melhor conheço.

Observei, para logo, uma das causas de fracasso nas melhores tentativas e bons desejos que possam ter tido os governos, na esperanza de modificar altruisticamente o meio social, vem da falta de convicção, não só dos homens publicos e das massas, porem ainda dos eruditos, na efficacia de novas medidas, inadiaveis. Falta lhes desejo, vontade, energia, nitido conhecimento das cousas em sua feição hodierna, do ponto de vista do momento actual, da Hora. E é comprehensivel isso: vem da educação obsoleta, ainda em vigor emtanto, em conflicto com as mais urgentes necessidades contemporaneas, com as tendencias sociaes que se vão intensificando nos continentes. Emquanto a actividade industrial avulta; emquanto a lavoura pede á sciencia meios de augmentar os productos da terra, com a maxima economia, no mais breve espaço de tempo; emquanto o commercio exige dos jovens que se lhe pretendem consagrar, o manejo da lingua gen. franceza, ingleza, alleman: as escolas prosequem adoptando o ensino quasi medioevo, formando apenas rhetoricos, metaphysicos, theoristas, alheios á pratica, ao trabalho, á vida em seus moldes os mais communs, braços e cerebros em maior numero carecendo.

Certo não se trata de abdicar da supremacia mental de nossa raça, de nosso povo; antes, de alliar o ensino utilitario á superna irradiação mental, equilibrando e conjugando as grandes e bellas energias de nossos patricios. E' o que a *Escola Moderna* realiza satisfactoriamente, a bem do Paraná, do Brazil e dos homens. No dia em que o nacional, —e é questão somente pedagogica,—reunir, consciencientemente, á mentalidade que possui, o utilitarismo dos anglo-saxonicos, não ha concorrentes que o Paraná, ou o Brazil, não leve de roldo, qualquer que seja o departamento da actividade humana.

Nas condições actuaes, os progenitores não encontram sahida: E' mandar os filhos ás escolas archaicas, afim de que não fiquem analfabetos. Dos males o menor. Assim, volvem os annos; prosegue a rotina; ankylozam-se as forças vivas do Estado e da Nação;

perpetuam-se as gerações sacrificadas pelo ensino, esmagadas amanhã na concorrência dos mais aptos para a *vida pratica*, dos mais fortes, a entrar pelas fronteiras, pelo littoral, por todos os pontos, a deslocar das mãos patricias para suas mãos a lavoura, o commercio, as industrias:—o capital e o trabalho. E a nossa juventude, intelligentissima, formosa de character e nobres almejos, terá de ceder o logar por incompetente, porque o Estado e a Republica lhes não proporcionaram meios de BEM EDUCAR-SE, indo amarfanhar-se nas repartições publicas, nas secretarias de estado; indo consumir-se, tuberculosa e roida de syphilis, nas casernas e nos vasos de guerra, no heroico sacrificio inutil pela *terra*, que só de nome lhe pertence!

Outras causas decorrem, poderosas, que omitto, por não alongar-me demasiado.

A *Escola Moderna*, tanto no paiz, como no estrangeiro, tem merecido espontaneos applausos que mais reconfortam a solução por mim encontrada. Não a criei; adaptei-a com felicidade. E' a synthese de numerosas tentativas, systematização pratica de diversos ramos de ensino, divorciados e esparsos, conciliados agora para a realização immediata, de efficazes proventos: Esse o meo trabalho, a pedra que levei ao templo da educação moderna.

O Japão, modelo já hoje em muitas cousas, não medio sacrificios, bem maiores, e poz em pratica o systema de ensino que tambem propago, adaptando-o. Em livro de real valor, e que devera andar em mãos de quantos se interessam pelo futuro da Patria, — *O Japão por dentro*, — Ladislao Batalha affirmou á pag. 99: «Junto á Universidade Imperial (é este o seo nome) ha consequentemente uma bella horta, um jardim botanico, uma escola e um muzeo agricola, laboratorios bem fornecidos de ingredientes e apparatus, abundancia de pomares, um hospital veterinario, alem duma vasta floresta, etc.

«Não é uma simples ornamentação em volta do edificio universitario. O Japão, pelas suas cada vez mais intimas relações com inglezes e americanos, tem se deixado impregnar dos pontos da vista essencialmente praticos da raça anglo-saxonica.

«O ensino é todo essencialmente pratico. Não se avança um principio, uma doutrina, uma lei ou um theorema cuja utilidade e vantagem não sejam immediatamente exemplificados.

«Dá-se ali com engenheiros, agricultores, etc., um factio que só tem semelhante na educação ingleza. O engenheiro ou agricultor formado na Universidade, principia por aprender a brocar uma chapa ou cavar com a enxada uma cova para sementes, e acaba na applicação das mais complicadas formulas da sciencia pura.

«Deste methodo provem que o doutor japonez tem fatalmente de ser homem habilitadissimo na theoria e na pratica.»

A *Escola Moderna*, em seo inicio, viza fins mais modestos, não menos uteis porem: tornar a juventude apta e civicamente educada, podendo consagrar-se para logo ao commercio, á lavoura, ás industrias, ás artes, ás letras.

Logo que destribui o *Plano e Programma de Estudos*, recebi applausos dos srs. João Candido, Lauro Sodré, Carlos Peixoto, Mario Behring, Emiliano Pernetta, Reinaldo Machado, Conrado Ericksen Filho. De então, numerosos os encitamentos, os estimulos, a consoladora certeza de não haver errado.

Disse a Luz: A sociedade actual precisa de homens intelligentes e aptos para todas as necessidades da vida e nós folgamos em ver no programma da *Escola Moderna* o ensino não só das artes liberaes, como o da propria agricultura...

Na *Escola Moderna*, não se obriga a accitar esta ou aquella crença: ensina-se a moral, ministra-se a instrucção, o alumno, senhor da sua liberdade e consciencia, saberá escolher a crença que melhor lhe satisfaça a alma e ao coração.

«Um alumno sabido desta *Escola* tem necessariamente garantido o seo futuro.»

O *Boletim Colonial e Agricola*: «E' de semelhante classe de individuos que o Paraná precisa....»

O dr. Pereira da Silva, competente em materia de ensino: «Seria realmente louvavel uma experiencia neste assumpto, não havendo certamente capital mais bello e fecundamente empregado de que na manutenção de um estabelecimento tal.»

O dr. José Maria de Paula, professional abalizado: «... encontramos a mais positiva das soluções na organização perfeita do curso agronomico da «*Escola Moderna*», o admiravel «instituto» de educação, que pela sua organização ideal, está despertando o mais vivo interesse por parte da elite scientifica estrangeira.»

O dr. Conrado Ericksen Filho: «... a tua *Escola Moderna*, crystalização de tudo o que a velha humanidade vem aprendendo, corrigindo e systematizando desde Aristoteles.»

O illustre jornalista Vivaldo Coaracy: «E' um arrojado e formoso tentamen que, consta-me, terá o patrocínio merecido do governo paranaense. Oxalá vejamos-a florir e fructificar e multiplicadas por este vasto Brazil as escolas deste genero...»

Ao appello do pensador, que reside em Porto Alegre, coroam as phrases calidas de Caetano de Andrade, bello espirito que exclama, em um dos periodicos do Recife: «Pernambuco—filhos de Pernambuco,—procurae conhecer a *Escola Moderna*:—O Paraná vae ensinar ao paiz de que forma se organiza uma patria digna dos homens de amanhã».

De facto, erudita commissão de representantes do povo, no Congresso Legislativo do Estado, vem ao encontro da *Escola Moderna*, consignando no «Projecto de reforma da Instrucção Publica», apresentado na sessão de 14 de Março de 1909: Art. 74. Fica o Poder Executivo autorisado a subvencionar com a quantia de..... 25:000\$000 rs. annuaes, durante 5 annos, a *Escola Moderna* que vae ser fundada na Capital pelo lente da Escola Normal Dario Vellozo»...

A' expectativa da digna Commissão, graças á intriga perfida e soez

politicagem, não correspondeo o Congresso : Modificaram o artigo, supprimiram meo nome... Adoravel ! Mas, ficou viva no espirito publico a sancção dada á *Escola Moderna*.

A *Escola Moderna* impõe-se porque imprescindivel : ha de objectivar-se de facto.

O Estado não quiz auxilia-la agora com subvenção, relativamente, mediocre, por cinco annos; terá de erguer similares quem sabe em curto prazo, muito mais despendendo, eternizando verbas nos orçamentos, superando sacrificios, talvez sem attingir identicos resultados.

A competencia professional não basta, em tentamens dessa natureza; forçoso constituam ideal, fonte inexgotavel de energia, pharolizando o rumo.

A *Escola Moderna*, em sua acção complexa, não é somente casa de *instrucção popular*, como tantas outras; é *instituto*, é factor civico e utilitario, é nucleo convergente de actividades multiplas, é foco irradiante de trabalho, de estudo, de propaganda, de estimulo.

Outros, haverão as alavancas para soerguel-a; o ponto de apoio conheço o eo.

O Governo em face da crise economica, a espumejar no dorso da grande vaga humana, tem de agir, tem de encontrar novas fontes de riqueza, tem de augmentar a receita para equilibrar as finanças.

O governo de hoje não deve olvidar as necessidades de amanha. Para a boa ordem administrativa, a funcção do governo não pode apresentar soluções de continuidade, preso ao passado, preso ao futuro, em mutua e reciproca affinidade organica. E' preciso prever afim de melhorar; mais vale prevenir que corrigir; a previsão é característica dos bons governaos.

Os impostos, já existentes, elevados exorbitantemente, terão effeito contrario: desaparecerão, esmagando a lavoura, o commercio, as industrias. A arte de governar não consiste em taxar impostos; antes em proporcionar ao povo a maior somma de garantias e conforto. O povo elege seos administradores, seos representantes, não para ser extorquido; mas para ser amparado. Os Estados pertencem aos povos; e estes possuem o direito de pedir contas aos seos commissionados. Os governos não teem direitos, teem deveres; a soberania só pertence ao povo.

Pugnar pelos interesses do povo, é funcção do governo; é funcção do governo prever-lhe e conjurar-lhe as difficuldades futuras.

A *Escola Moderna* encerra solução ao problema, amplamente concorrendo para augmentar no Estado, e no Paiz, as fontes de producção e riqueza.

Ao governo, é obvio, fallecem meios para remodelar por completo a *instrucção publica*, nem pode conseguil-o por um decreto.

Não se decretam professores; educam-se: fazem-se. O trabalho, para que seja efficaz, é lento, methodico.

Não é menos obvia, comtudo, a necessidade de auxiliar a *instrucção popular*, quando vazada em moldes indispensaveis ao Estado.

Ao fim de alguns annos, os postos da *Escola Moderna*, com suas respectivas escolas primarias de ensino elementar e agricola, estariam dessemuinados nos principaes centros, sem onus para o Estado.

O sacrificio de 125:000\$ 100 rs. (em 5 annos!) se teria transmudado em preciosa fonte de riqueza, não falando nos ensinamentos technicos ministrados ás turmas de 3.º e 4.º annos da *Escola Normal*.

O subsidio era-me necessario, garantindo os capitaes a levantar na praça. Ao fim de cinco annos, a *Escola Moderna* estaria emancipada, continuando o Estado a usufruir-lhe as vantagens.

Deve causar surpresa que tentativa de tal monta podesse, com tão pouco, ser encetada. Por lhe conhecer o espirito, a *Commissão*, incumbida de redigir o *Projecto da Instrucção Publica*, desincompatibilizava-me com as funcções de lente: E' que, nos primeiros cinco annos, o orçamento escolar não me permitia honorarios.

Querendo tornar a *Escola Moderna* vantajosa realidade ao Paraná, encarei-a como obra de civismo, e não de agiotagem. Se della houvesse querido fazer empresa commercial, dil o hia com a mesma franqueza, que para tanto me assiste o direito. O unico tribunal ante o qual me curvo é o de minha consciencia; e tambem me curvo ante o conceito dos homens verdadeiramente dignos.

Se quizesse attender tão só aos meos interesses, ao meo egoismo, dadas minhas aulas, viria encerrar-me neste aprazivel e suavissimo *Retiro Saudoso*, com a familia e com os livros, indifferente a tudo o mais que não fosse o meo socego de espirito. E o faria honestamente, sem uzurpar terceiros. Apprendi, porem, a considerar-me cellula social, com o dever de pugnar pela communidade, mesmo ainda com sacrificio da paz e do repouso da alma e do corpo. E sinto-me bem, ao lado dos companheiros, ferindo lealmente a grande batalha, pela verdade, pela justiça, pelo progresso.

O trabalho fez se meo elemento; ainda sonho; nem abandonei ainda os ideaes da juventude.

O Governo não quer a *Escola Moderna*, — porque é minha: Está em seo direito.

Trabalhando eo para dotar o Paraná com algo de util, creio, cumpro o meo dever.

A vida não me assoberba. Bem sabes que, se eo consultasse apenas meos interesses, ha mezes estaria no Rio de Janeiro.

Ao Paraná, porem, ligam-me fortes laços affectivos e moraes. E só me prendem elos dessa natureza. Sei partir outros elos, — porque sou livre. Da Republica Brasileira, prefiro o Paraná, solo tambem de minha patria, como outro qualquer Estado.

No Paraná, verei levantar-se a *Escola Moderna*.

A *instrucção publica*, a *instrucção popular* precisa attingir outros estadios do saber humano.

Em livro notavel, que devera andar lido e relido por quantos

ensinam e se interessam pela instrucção, — *Questões de ensino*, — Paulo Tavares, secretario do Gymnasio Nacional e a quem José Verissimo tece louvores, disse, com experiencia, elevação e verdade :

«No Brazil a instrucção do povo confiada infelizmente aos governos estadoaes e municipaes, vegeta no mais criminoso abandono.

«Em alguns Estados desapareceu quasi por completo. Suas finanças arruinadas não lhes permitem este luxo ; os professores vivem na mais negra miseria, luctando com a falta de tudo, desde o mobiliario escolar até o livro, o papel, a penna.» (pag. 146).

Disse mais :

«O nivel moral de um povo, isto é, o modo porque elle observa certas regras de conducta, marca seo logar na escala da civilização e tambem seo poder. Desde que a moral se afrouxa, todos os laços do edificio social se afrouxam egualmente.» (pag. 149).

E ainda :

«A Republica precisa de cidadãos e não de subditos ..» (Introdução, 28)

Cidadãos faz a *Escola Moderna*.

As phrases de Paulo Tavares deveriam andar bem gravadas na memoria dos legisladores.

Resta-me ainda agradecer o apoio moral que á *Escola Moderna* trouxe a douta Commissão de Deputados Estadoaes, e ao *Estado do Paraná* seo franco e bom acolhimento.

Retiro Saudoso, 24 de Maio de 1909.

DARIO VELLOZO.

«Idéas novas» ?

A proposito dos «Estudos sobre a letra—A—.

O illustre litterato paulistano Sr. Achilles Raspantini teve a gentileza de, pelas columnas da «*Concordia*», importante periodico de *S. Paulo*, escrever uma apreciação do meu modesto escripto sobre a letra—A—.

Acceito as palavras do Sr. Raspantini «como a expressão sincera» — com que S. Ex. as escreveu, e com igual sinceridade vou dar-lhe uma explicação que se dignou de me pedir.

Em mais de uma parte do meu escripto chamei—signal contractivo—tanto ao *accento agudo*—como ao—H—, sem fazer, como devera, a distincção das duas funcções desses symbolos, e que são : 1.º indicar a contracção ; 2.º tornar intenso o valor duma vogal.

Nos exemplos —*he*—e —*hum*—, não existe de facto contracção de vogaes differentes, nem eu afirmo isso, apenas não expliquei que no primeiro desses exemplos o—H— é mero signal intensivo. Parece contudo que em —*hum*,—o—H— representa a geminação do—U—

visto como escreviam os antigos—«*hum* homem, *hum* hombó...que cada *hùm* he aguardada sa onra, he manteúdo no seo estado.»

«Este paraíso...e hé *huù* logar mui deleitoso, e hé mui alongado per mar,.....e hé tam alto...»

Hùu cavaleyro, era muy namorado —*d'húa* dona muy filha d'algo casada »

Como vemos, na palavra—*huum*—dobravam o—U—apesar mesmo da presença do *accento* e do—H—.

Effectivamente,—*um*—vem de—*unus*,—operando-se pela queda do—N—intermedio, a approximação (geminação) do—U—, razão por que escreviam—*huum*—*hùm*—*hum*,—e nós hoje simplesmente —*um*—.

Quanto ao verbo —*é*,—explica-se que vindo de—*est*—latino, perdeu as letras—*st*,—que constituíam signal intensivo, e ficou sendo representado pelo—H— em —*he*— antigo, e hoje pelo *accento* em—*é*—.

E' innegavel pois, que o—H—e o *accento* são signaes intensivos e contractivos.

«O *accento* agudo já foi supprido em portuguez pela geminação das vogaes, ex : *moormente* em logar de—*mórmnte*—; ou pelo reforçamento do—H—, como ainda hoje em : *cahir*, *detrahir*, etc, e em certos nomes brasílicos :—*Macahe*, *Parahyba*, *Ivahy*».

Por ahí se vê que havia mesmo nos escriptos antigos uma falta de distincção entre symbolo contractivo e symbolo intensivo, distincção essa muito acceitavel.

No meu despretençioso trabalho me referi ás linguas italiana, aleman e ingleza, de que sei pouquissimo, e ás linguas latina e grega, de que nada sei ; e por isso não posso explicar ao Sr. Achilles qual o «*accento* de aspiração» que no grego era antigamente representado pelo—H—. Afirmo porém que li isso em autor de muito merito, Bluteau, se me não engano.

Este mesmo autor, tratando do—H—na lingua portugueza, lhe chama «*signal* de aspiração», talvez no sentido em que elle o era em em grego, porquanto em portuguez, como dissemos, — o H — não é aspirado.

«No portuguez antigo, e no mesmo periodo classico, o—H—é um symbolo de aspiração de vogal ou hiato» (J. Ribeiro).

Tambem não sei discutir a questão da obscuridade do latim por falta de indicativo, segundo afirma o douto philologo Julio Ribeiro, a cuja incontestavel e notoria autoridade antepõe o Sr. Achilles a de Augusto Freire, que discorda da opinião daquelle.

E' uma injustiça que S. Ex. faz a J. Ribeiro, que ao grande merito de incedível *grammaticographo*, reunia o de profundo latinista, de que é prova o brilhante concurso que fez quando no Gymnasio Paulista—conquistou a cadeira de latim.

No emtanto, o mesmo Sr. Raspantini, depois de injustamente applicar a J. Ribeiro as celebres palavras objurgatorias de Cicero,

parece reconhecer a contestada «obscuridade» a que chama «inópia do artigo, compensada pelas terminações da declinação dos nomes».

Foi exactamente essa «inópia do artigo» que levou «o povo latino a juntar aos substantivos os designativos — *ille—hic* etc, fórmulas essas que deram origem ao indicativo romanico.

E note-se que o erudito João Ribeiro é também da mesma opinião concernentemente á origem do indicativo.

A opinião por mim desconhecida e que o Exm. Sr. Raspantini se propõe transmittir-me, é decerto a de ser «anómala e titubante a linguagem do 16.º seculo».

Se S. Ex. se refere á linguagem do vulgo ou dos escriptores sem mérito, acceito a sua abalisada opinião, pois creio que S. Ex. deve ter alguma base para afirmar isso; porém se allude á dos escriptores classicos, penso que se engana, porquanto foi exactamente no 16.º seculo que o classicismo portuguez chegou ao mais elevado grau de pureza, elegancia e atticismo, o que se nota nos bons escriptores daquella epoca.

Nesse tempo, mais do que hoje, era o portuguez estudado átravez do grego e especialmente do latim, e pois não commettiam os bons escriptores o abuso de empregar sem um criterio baseado na etymologia, o —*Y*— e o —*H*—, que nos vieram do grego.

O que havia antes dessa epoca era ser o —*H*— empregado em algumas palavras como signal contractivo ou intensivo, sendo outras vezes substituido nessas palavras pelo accento agudo, que, como dissemos, tem as mesmas funcções—intensiva e contractiva—; mas isso não constitue *anomalia* ou *titubeação*.

Não conheço as palavras em que o —*Y*— foi descriteriosamente empregado pelos seiscentistas, como afirma S. Ex., talvez por engano.

Anteriormente a essa epoca, escreviam *foy, pay, rey, ynnocente, muy, oyco, irey, sey, entrey*, etc.; porém isso não justifica a allegada anomalia, já por ser facta anterior, e já por se não provar que esses escriptores divergiam de si mesmos no uso dessas letras.

Vou terminar com uma citação de João Ribeiro, que decerto o Sr. A. Raspantini não considera autor cujas «opiniões não são acceitaveis por diversos e eruditos grammaticos».

«O caracter proprio dos quinhentistas, é que se nos apresentam á luz, como os mais puros e polidos criadores da linguagem, os que a tornaram definitiva em todas as suas fórmulas, excepto as que sem damno se prestam a mobilidade e progresso que é lei universal das cousas».

Releve-me o Sr. A. Raspantini a liberdade de oppor ao seu bello escripto litterario estas pobres razões mui despretenciosamente escriptas.

E agradeço a S. Ex. a judiciousa observação sobre a distincção entre—*symbolo contractivo e intensivo*—, distincção que eu fazia mentalmente, e que de facto não concretizei no meu escripto.

No proximo numero d'«A Escola» direi algo sobre os escriptores do seculo 16.º.

Aproveito a occasião para agradecer ao illustre Amigo Sr. Americo José Rodrigues, distincto litterato, jornalista e critico paulistano, as honrosas referencias que ao meu insignificante trabalho bondosamente fez em uma delicada carta, que conservo como documento bastante honroso para mim.

Nessa carta, em que S. Ex. procura com o veu diaphano da modestia occultar a sua competencia litteraria, fez-me o Amigo mui judiciousa observação sobre um engano que commetti, relativamente a duas letras da lingua esperanto.

Aos meus amigos paranaenses, e com especialidade ao erudito philologo Sr. Conego Dr. João E. Braga, protesto igual gratidão, pelo muito que me tem animado na continuação do meu modestissimo estudo, que tão pouco vale para mim, e que apesar disso foi tão bem recebido pelos meus conterraneos.

Coritiba, 20—5.º 09.

VERISSIMO DE SOUZA.

Filologia e Grammatica ⁽¹⁾

Depois de dizer que vigorava estensamente esse uso no seculo 17, afirma que se encontram exemplos desse emprego de apassivamento com adjunto e que em latim seriam traduzidos taes expressões pela voz passiva. Trata também do apassivamento semeiotico.

No Italiano e espanhol também existe essa mesma construção, como demonstraremos em nossa monografia sobre o—*SE*.

Demos um exemplo, para com elle chamarmos a attenção dos mestres e estudiosos. Lucio Ferrari, erudito canonista romano, sempre citado por causa de sua grande autoridade, em sua importante e volumosa obra—*PROMPTA BIBLIOTHECA CANONICA*,—1678, tomo 9.º, pg. 40, texto de 1678, dá o seguinte: «Nella materia de Benifici Ecclesiastici, quando se trata (função subjeiva) di libera collazione, avvero come devoluti, *si conferiscono dal Vescovo*.» (Passivo determinado).

Como, porém, não são frequentes os exemplos de taes apassivamentos sinteticos determinados ou com adjunto apassivante e actualmente não aparecem, servindo apenas para confirmar que as expressões verbaes em questão ou sinteticas são realmente expressões verbaes apassivadas e não reflexivas,—praticamente hoje ou nos escriptos modernos, é preferivel entender sempre como adjunto adverbial exprimindo alguma relação sintatica de meio, instrumento, etc., o complemento regido de—*de. per* ou *por*, nos apassivamentos sinteticos ou com o—*Se*.

Eis alguns exemplos em que se grifam os adjuntos adverbias.

«Não se devem julgar as cousas *pelo appetite* (adj. adverbial), senão *pela razão* (adj. adverb).»

(1) Foi revisado pelo proprio autor.

(João de Barros, *Panegyricos*, —apud *Anthologia Nacional*, pg. 171).

«E o que o Santo escreveu de lá, sem nomear officios nem pessoas, foi que o verbo *rapio* na India se conjugava *por todos os modos*. (Padre A. Vieira, apud *Anthologia Nacional*, p. 133).

«A verdadeira religião deve conservar-se e dilatar-se *pelos meios por que se estabeleceu, pela prélica discreta, pelas obras virtuosas, e mais que tudo por illimitada paciência*. (A Herculano, *Opusculos*, vol. 3.º, pg. 125).

De sua luminosa opinião tira o Dr. Castro Lopes as seguintes conclusões:

«1.ª— Com os verbos *activos-transitivos* e a particula *apassivadora—se—* (não sendo pronome reflexivo) é uma particula ou *signal de apassivamento dos verbos*, derivando do verbo *—ser—* portuguez, ou do latim *—esse—*.

2.ª— Nas locuções em que entram verbos *activos-transitivos* e a particula *apassivadora—se—*, o substantivo será o sujeito do verbo, que por isso concordará com este em numero e pessoa, devendo dizer-se sempre: *«Vendem-se casas—*, e não: *«Tende-se casas—*, que é erro palmar e nunca commettido pelos classicos da lingua.

«3.ª Com os verbos *activos-intransitivos*, e com o verbo *—ser—*, a particula *—se—* não os *apassiva*; é o radical do substantivo *—ser—* representando e sujeito dos verbos *intransitivos*, ou do verbo *—ser—* (Do *Jornal do Commercio*, do Rio, n.º 93, anno 39, de 30 de Abril de 1880).

Confirmam ser o *—SE—* o radical de *—ser—* ou de *—esse—* as observações que temos colhido, analisando em portuguez, francez, etc., expressões verbaes de frases latinas como estas: *«Ille dicit se poetam, doctum, oratorem, esse; elle se diz poeta, douto, orador, i. é, —ser poeta, orador, etc.—II—se dit poete, docte, orateur, etc.* Na passagem do latim para romanico desaparece ou cai (lei do menor (esforço) o *esse* fica substituindo o *—se—*, *Dicit se esse—elle diz ser* ou *que é poeta, fica e elle diz-se poeta*. Parece que assim se podem explicar em romanico as construções de tipos similares á construção latina.

Comparêmos. «1.º Os terrenos, de que Lemos *se diz proprietario*, são de marinha, por se acharem comprehendidos nas hypotheses dos §§ 1.º do art. 1.º do Dec. n. 4105, de 22 de Fevereiro de 1869.» (*Parceres e Votos* do exm. Conde de Prados, Conselheiro d'Estado Ouro-Preto, 1893 pag. 139) proprietario. «Note-se em Camões:»

«De quem *se ganha a vida com perdel-a*.» (*Lusiadas*, VI, 83.); logo em cima há *apassivado: se souberam feitos.*»

«Que fazes? Retiras o requerimento á mão da menina, visto que a menina *se não presume herdára*.» (Camillo Castello Branco, *Livro da Consolação* romance, 1872, pag. 139) Fui eu quem a pediu por ti, por me haveres dito que ella *se suppunha amada*. (Ibidem.) «O pobre rapaz *havia de julgar-se Orpheu* dilacerado pelas donzellas da Tharcia. (Ibidem, pag. 189.)

«Julia fingia-se despreocupada... Onde ella se fantaziou alçada pela honra...» (Ibid., pags. 161-173) «Julgue se *ser paizão* esta causa. (Ibid. pol. 5.º pag. 10-11.)

«Este Mago para que o seguissem os Judeus, *fingia-se Messias*; e para que o adorassem os Gentios, *fingia-se Jupiter*;» (Padre A. Vieira Semões, vol. 2.º pags. 97-98.)

«D'antes não se contentava com ser homem, e *imaginava-se Deus*; agora conhecia que era muito menos que homem, porque *se via bruto* entre os brutos.» (Idem, ibidem, vol. 1.º pag. 231.)

Ensina Bescherelle Ainé, em seu *Dictionnaire National*: «*Se dire—Prétendre que l'on est, se faire passer pour. Se dire le parent d'un prince. Quelques auteurs qui se disent ecclésiastiques et théologiens* (Bossuet).»

«Chacun *se dit ami*; mais fou qui s'y repose.» (La Fontaine, liv. 4.º, fab. XVII.) Ahi o *se* não é forma pronominal como obj. dir. ou indir., nem particula *apassivante*, sinão raiz do verbo *esse*, em francês antigo *estre*, hoje *être*. Logo, em «Chacun *se dit ami*,» ha o equivalente semântico, quanto ao sentido *dit être ami, dit qu'il est ami*. Não é essa a syntaxe (e a interpretação) em latim clássico? Vejamo-lo. «7.º *Dicere. Cic. Contend. Nepos, affirmare Liv. Profiteri. Cic. Tu dis que c'est le même. Eundem esse dicis. Ils disent qu'il n'est pas permis. Negant fas esse. Cic.—Cic.: Se dire médecin, citoyen, du sang royal Ferre se civem. Cic. Ou se pro cive. Liv. Se regiae stirpis ferre. Vell... Etc. Quiccherat, Dictionnaire Latin-Français. v. Dire).*»

«*Dictum est habitasse. Ter. Disse-se que elle habitara. Dicitur venturus.*»

Diz-se que elle tem de vir. Pluto. *Eundem esse dicis. Dizes, affirmas que é o mesmo.* (Saraiva Dicc.º *Latino Português*.)

Do seu persiguidor se cre nas garras: *-illa timore pallet, et hostiles credit adesse manus.* (*Fastos de Ovidio*, por A. Castilho tomo 4.º pag. 126-127).

«Inde fit ut raro qui *se vixisse beatum* Dicat...» (Horatius, Satir. lib I, II.) A mesma construção no latim dos Santos Padres e Doutores da Igreja: «*Iste locus Evangelicus, fratres, ubi se dicit Dominus vitem, et discipulus suos palmites, secundum hoc dicit quod est Caput Ecclesiae, nos que membra ejus.*»

(S. Agostini—Homilia in Evangel. cap. 15 c, sec. Joann. etc.)

Tornemos á exposição do douto e respeitavel sr. Said Ali (Conclusão, pag. 185...)

«Nem é somente enganoso o processo da substituição, é tambem precario; a sua applicação falha desde que se ligue a verbos de outra natureza o mesmo pronome *se* sem lhes alterar o sentido. Basta comparar o que resulta da applicação do succedaneo da analyse na primeira e na segunda hipoteze; lá, produz frases até certo ponto simples e naturais; aqui gera monstros». —De acordo com o pensar do illustre filologo quanto ao que já se distinguu atrás; parece, realmente, que em regra geral, não se deve estabelecer que a uma proposição de

voz passiva equivalha sempre outra de voz ativa, embora semanticamente se deva julgar ser a sua equipolente quanto ao sentido; e, ás vezes, essa equivalente semantica é, como vimos, impessoal ou impessoalizada. Mas, o criterio mais pratico está em atender-se ao sentido e á predicção do verbo, ou á natureza delle e á sua funcção syntactica. Assim, nos exemplos que nos propõe, alguns gramaticos tem ridiculamente querido encontrar expressões passivas, porque julgam apassivados verbos intransitivos puros não transitivados. «Quais serão os equivalentes, as dições puras e belas em que se resolvem, com agente definido, as orações: *sic itur ad astra, vita vivitur, resistitur audaciae*, e, pela passiva com o verbo *ser*, os portuguezissimos exemplos ha pouco mencionados? *E' Fraqueza dezistir-se* será... é *fraqueza ser dezistido? Morre-se na cruz* será... é *morrido (ou morto?) na cruz* por *alguem? Foje-se* equivalerá a *todos fojem* ou a... é *fujida? Fala-se* ou *trata-se* de serão por identificar-se com... é *falado*, é tratado de por *alguem? Ficam* ai as reticencias para que fantazias hem fecundas preenchem, cada qual a seu sabor. todas essas vagas com os competentes sujeitos. A linguistica rigorosa, a psicologia, a gramatica com a sua analyse positiva, e emfim, o senso commum, emudecem desta feita. Eu por mim confesso, não perceberia o sentido de tais dizeres; si de facto existem, devem ser profundamente sibilinos.»

Como se está vendo, com essa teoria, o illustre filologo advoga a causa da subjetividade syntactica do *se* como pronome indefinido ou substantivo indeterminado, e agente tambem indeterminado, não pôrêr sucedaneo de *—homem—* ou *—gente—* etc., como alguns o tem pretendido. Com isso, elle prepara o terreno para concluir contra os factos de linguagem passiva ou expressões passivas com *—se—* em vernaculo; abre, porém, a porta a novas dificuldades. Repare se, agora e mais imparcialmente, no grande alcance que tem a opinião de Castro Lopes de *—se—* igual a *—ser—* em certos casos. Forçoso é distinguir os factos de linguagem de voz passiva já no singular já no plural, dos em que o mesmo *—se—* é realmente sujeito, como ainda temos de ver. E' claro que, sendo o *—se—* sujeito sempre no singular, com elle ha de concordar o verbo e estar em relação attributiva o adjunto predicativo (quando o verbo é adjuntivo, e não com outro, um suposto—3^o, equivalente, sucedaneo, procurador semântico ou syntactico officioso. Vemol-o assim em um dos sonetos de Camões:

«E' um estar-se preso», etc. Dir se á que esse *—se—* é expletivo; mas, não o dirá quem lêr com atenção e examinar aquelle soneto em seus 14 versos. O guia mais seguro e melhor, quando se trata de factos de linguagem vernacula, não serão sem duvida as theorias, sinão os mestres da lingua e os factos da linguagem que nos têm legado. Dastem alguns exemplos do 4^o vernaculista portuguez, nos *Fastos*, de Ovidio, em que podemos comparar o sentido das expressões latinas trasladadas para vernaculo. O mesmo se nos depara nas *Georgicas* de Virgilio.

«At Deus, obscena nimium quoque parte paratus... Omnibus

ad lunae lumina risus erat. Acode-SE em tropel; e ao descobrir-se Priápo, que ao luar ficou pasmado... despara tudo em longas gargalhadas.» (Tomo 1^o, pags. 48-49).

«*Fil fuga—foge-SE*»; (Ibidem, pags. 131-132). Abi traduz a expressão passiva por uma indeterminada com *se* sujeito. Mais acima, ha uma expressão syntetica, em sentido determinado com *—se—*: Est locus; antiqui *Capream dixere paludem*—*Caprea palude se chamou de antigos o logar*... E a pag 159: «*frenis impediuntur equis—infreiam-se os ginetes*», tambem passivo indeterminado, plural, não por falsa concordancia, sinão natural e frequente.

«Non opus est verbis; credite rebus, ait;—«As palavras são vãs; creia-se em coisas: (Pags. 155—157). Eis outro exemplo contraproducente á teoria do sr. Said Ali, em que ha expressão passiva e com *—se—e—se—* sujeito: «*Laudamus veteres, sed nostris ulimur annis*:—*Louva-se o antigo, do presente SE usa*;» (Pags. 24—25).

«*Lucus erat, dubium, Semelae, Stimulaene, vocetur*;—*Maenadas ausonias incoluisse ferunt*.—Um louco havia ali; se appellado de Semele ou de Estimula *disputa-se*; e consta porem que as *Menadas ausonias—tinham nelle vivenda*.»—(Ibidem, pags. 148-149).

Nas *Georgicas*: («Pag. 124). *Nec varios inhiant pulchra testudine postes*.—Não se olha boquiaberto a portas variegadas. (pag 192.) «*Hic noctem ludo ducunt*... Sob a neve ha calor; brinca-se no amplo fojo.» (pag. 216-217): «*Quaesitaeque nocent artes*;—ás artes de curar peor se *SE* recorre.»

Vêja se como em espanhol, quando está o *—se—* em função subjectiva, fica o adjunto predicativo concordando com o sujeito como seu adjunto attributivo: «*Cuando SE está asalariada no es dueña de sus acciones*.—*Quando on est gagée on n'est pas maitresse de ses actions*.» (Padre D. M. Torricilla, *Nueva Gramatica Francesa*, pag. 205.) Fazemos esjes reparos, por nos parecêrem necessarios Eis o que temos ainda inédito (para a Monografia sobre a palavra *—se—*); «A prevalecer similhante teoria que, com muitas outras do mesmo pêsso e talão, há muito devia estar inventariada, seria impagavel o reaparecimento triumphal da análise privilegiada de um mestre-escôla dos idos tempos. Assim, teriamos—«*Morrer-se o morrer é morrido* ou *môrto* (estúltimo participio commum a *morrer* e *matar*, por se têr arcaizado a forma *matado*); «*Dôrme-se o dormir é dormido*—*vive-se o viver é vivido*». Como, pôrem, se empregará essa análise em «*trata-se de, usa se de, pégue-se de, procêde-se á, ao,*» etc., é o que desejaríamos saber. Tôca-*Se* na questão por um lado, encarada sob um aspécto que ilúde, aparentando solução, e della se declina quanto á sua realidade.» «Já demonstrámos que não procêde abi a análise baseada na analogia com a syntaxe latina de—*Vivitur, móratur* etc. Pois esses verbos classificados passivos pelos gramaticos, são passivos apenas *materialmente* e não *formalmente*; reconhecem os bons gramaticos que os verbos intransitivos não se apassivam sinão quando transitivados, dandô-se-lhes então objeto dirêto ampliado a-

fim de se evitar a redundancia pleonastica ; o que ficou demonstrado pelo eminente brasileiro snr. Ruy Barbóza em sua triunfante *Replica*.

Ahi tambem demonstrou elle que se não apassiva o verbo *transitivo mediato*, a que chama *intransitivo* (louvando-se em gramaticos que ainda não fazem as devidas classificações) e que, portanto, é erronea a expressão «procederam *se* as eleições, e correctá esta : «Proceder á...*procedeu-Se* ás eleições, etc.

Pobre gramatica dos rotineiros que confunde e ensina a confundir a fórma aparente ou *materialmente passiva* de certos verbos latinos com a *fórma real*, e analogamente o *se* em função subjetiva em vernáculo (e romanico) com o *se* apassivante ou sinal de apassivamento com verbos transitivos immediatos !

Vamos á conclusão do illustre filólogo (pag. 186). Si elle estabeleceu, como cumpre, uma distincão indispensavel e preliminar para se poder de vez adotar uma régra pratica sobre a subjetividade do *-se-* e o *-se-* apassivante, de acordo com os factos mais communs e autorizados de linguagem vernácula, não chegaria ás consequencias a que chega. Eil-a : «Ao absurdo a que somos chegados conduz a frajil teoria apassivadora submetida a um raciocinio estritamente logico. «Perdão ; lógico-*secundum mentem*-ou subjetiva e individualmente, *-transeat* ; realmente, não !

A lógica abi é sacrificada ; faz-se gradual e intencionalmente uma transição de alguns factos de linguagem particulares ou perigrinos para a generalidade delles ; conclue-se do particular para o geral. Não é isso uma especie de sofisma ?

«Ladear a consequencia, continúa elle —ou recorrer a processos que variem conforme as eventualidades, para explicar e acomodar á voz passiva cazos «os mais rebelde», continúa elle, é sofismar uma doutrina já sofismadora de per si. Imaginemos a seguinte parataxe : *nesta terra grita-se e trabalha-se ; faz-se tudo e em tudo se desfaz ; vive-se emfim miseravelmente e na miseria se morre*. Tão perfeito é o paralelismo das fórmulas verbais tendo o reflexivo *-se-*, como o é o paralelismo da noção de atividades expressa por essas mesmas fórmulas. O sistema da anazile ha de portanto ser um só ; não podemos admitir dois pezos e duas medidas». Ahi está justamente onde pega a roda ou «Aqui é que bate o ponto» ! Nas 6 proposições do exemplo, a nosso vêr, a unica apassivada é a 3.^a *faz-se tudo*, pois que há um sujeito expresso que é *tudo*, e que não há nas demais. Por isso é que estabelecemos para a subjetividade sintática do *se* tres condições *essenciaes e simultaneas* : 1.^a ser indeterminado o sentido proposicional ou sentencial (quando se trata de sentença complexa) ; 2.^a não haver na proposição palavra ou expressão (e na sentença complexa) proposição capaz de exercer a função subjetiva ; 3.^a ser o verbo quanto á sua predicção ou significação predicativa a) intransitivo ou intransitivado, b) transitivo mediato com objeto direto, c) ou adjuntivo com adjunto predicativo. A 4.^a condição de per si não basta, pois que costumam ter esse sentido indeterminado as proposições de voz passiva sintetica com *-se-*, geralmente hoje sem adjun-

to apassivante, com o verbo ora no singular ora no plural, tendo porrem sujeito expresso ou que facilmente se subtende, como acontece nas proposições contractas. A 3.^a de per si tambem não basta. Com essas tres condições essenciaes e simultaneas têm-se um criterio pratico e seguro para distinguir da expressão passiva sintetica a função subjetiva.

Por isso, parece-nos não poder subsistir estoutra consequencia : «Inadmissivel é igualmente um criterio duplo para a interpretação das formas verbais daquella bellissima passagem : *destarte se remonta ao Polo e se conquista a luminosa esphera*, extraida das obras de Castilho, e que traduz o *sic petitur cœlum*, de Ovidio, pensamento sublime e significando o mesmo que o virgiliano *sic itur ad astra*. (Em *petere cœlam*, como em —*petere castra*, *petere naves*, o verbo não tem a acepção de pedir, mas sim a de *ir* ou encaminhar-se para algum lugar). Do confronto destes tres exemplos rezulta, para o raciocinio são e izento de preconceitos, a percepção clara desta verdade : em latim, a *fórma passiva* (ou antes medio passiva) vem exprimindo, sem definir, sem mencionar o sujeito, uma noção de *atividade* extra-ordinariamente intensa, a mais intensa talvez de que possa a humana creatura ser capaz ; enquanto que em portuguez foi enunciada *pela fórma reflexiva* a mesmissima atividade, o mesmo esforço e enerjia, a mesma negação absoluta de uma condição passiva. Por outras palavras : *fórmulas não ativas* (passiva em latim, reflexiva em portuguez) teem *significação ativa* nos verbos sem sujeito».

Ainda ahi, quando se trata do latim, cumpre distinguir os verbos quanto á sua *fórma* e á sua *significação* ; pois ha verbos *DEPOENTES*, de fórma passiva e significação ativa, verbos *COMMUNS*, de fórma passiva e significação ora ativa ora passiva, e ainda quanto á predicção podem os depoentes ser ou intransitivos, como — *mórior, móritur* — morro, morre ; *óritur* — *násce* ; ou transitivos immediatos, — como *nanciscor, nanciscitur* —, alcanço, deparo, tópo, alcança, etc. ; transitivo mediato, como *uter, uteris*, — uso de, usa de, etc. Portanto, ainda ahi a conclusão tirada pelo respeitavel filólogo participa da natureza demasiado complexa das premissas que elle mesmo estabeleceu, saltando, sem distinguir, de uma ordem de factos linguisticos para outra, e aparentando com citações vagas de gramaticos alemães estar de acordo com os mesmos factos. Dahi essa teimozia de em tudo que leva o — *se* —, i, é, nos verbos com *se*, toda expressão verbal é reflexiva. Assim argumentava o falecido Julio Ribeiro que todos os elementos da proposição com preposição ficavam em relação adverbial : ora o objeto direto preposicionado, o objeto indireto, o adjunto apassivante, conquanto cofactores ou integrantes do predicado por terem preposição, tornam-se meros modificativos adverbiaes, etc.

Sic itur ad astra !

A REPUBLICA

Dentre as datas que refulgem, em bizarra apothose de luz, nas paginas da Historia do Brazil, a de 15 de Novembro é, sem duvida, a mais expressiva e eloquente pelo grandioso facto que assignala.

A historia encerra carinhosamente em seus rutilos annos, como numa immensa tela magnifica, datas como essa, repletas de ensinamentos, as quaes perdendo o caracteristico particular, deixam de ser o simples attestado de um facto, para assumir a representação typica de toda uma epocha, concretizando em opulenta e admiravel synthese as aspirações, os sentimentos, os ideaes de um povo.

Na historia do Brazil avultam, numa forte resplandescencia de glorias immarcessiveis, datas bellissimas que são epopéas do mais acendrado civismo. Dentre essas é justo reconhecer que um logar de destaque pertence ao 15 de Novembro.

Muito se ha escripto acerca da gloriosa data que rememora a adopção do regimen republicano no seio da mais bella nacionalidade sul americana.

As opiniões surgem desencontradas, as apreciações variam, formuladas algumas, não raro com formal desobediencia á verdade.

Pensamos, o 15 de Novembro é assim como o remate de um movimento, que tendo por escopo libertar o Brazil das garras de uma dynastia revoltante, se vinha operando, lentamente, atravez os tempos, na alma popular.

Não admira a evolução continua e persistente, embora lenta, desse ideal, sabida a tendencia congenita que o brasileiro revelou sempre pela liberdade republicana.

São conhecidissimas as eloquentes lições de Felipe dos Santos, Tiradentes, Frei Caneca, Padre Roma e as grandiosas tentativas da Confederação do Equador, Farrapos e tantas outras.

Eclosionando triumphalmente a 15 de Novembro, o movimento republicano viera se perlongando desde os tempos coloniaes, num evoluer accentuado de ideas que iam conquistando, pouco a pouco, um numero cada vez maior de fervorosos adeptos.

Reconheçam-se, embora, eminentes por todos os titulos os vultos que se destacaram em a magna e memoravel cruzada de 15 de Novembro, não se lhes pode, todavia, attribuir em absoluto, a effectivação do systema republicano em a patria brasileira.

Nem Benjamin Constant com a grandeza excelsa de seu ideal, nem Deodoro com a radiosidade intensa da sua espada, nem Silva Jardim com o ardor inexcedivel de sua palavra e de suas convicções podem representar, em toda a sua plenitude, a esplendida victoria desse movimento libertario que não explodiu ao repente, oriundo de imprevisito facto momentaneo, mas que se intensificara de ha muito, com vagar, na alma patriótica do povo brasileiro.

Multiples, pois, as causas que fizeram do 15 de Novembro uma como consequencia logica desse agitar continuo de alevantados

ideaes, que se vinham desdobrando, luminosamente, atravez heroismos e decepções, por todo o territorio do Brazil.

Na historia se observam com frequencia factos identicos.

Como a proclamação da Republica na heroica terra do Cruzeiro, tambem a revolução de 89 em França, teve por origem innumeradas causas. Assim outras dispensaveis de narrar, a todos presidindo o eterno principio:—as mesmas causas produzem os mesmos effectos.

Rio Negro.

Victor Grein.

Assumptos pedagogicos

I

Ao Newton Guimarães.

Quando nos dominios vastos da instrucção conterranea, começa agir fortemente o desejo grande de ser levada á effectivação proveitosa uma reforma radical, uma remodelação total, que elevem o ensino publico a uma altura que se coadune com o nosso supino estado de progresso, uma parte consideravel de professores deixa-se ficar em inacção, apegada a velhos processos de ensino e praxes obsoletas.

São espiritos obcedados, refractarios ás modificações constantes para melhora das profissões de quietam o meio de subsistencia: são espiritos irritantemente conservadores que vêm, nas reformas, aban-tesmas tetricos, que os obrigam a sair de suas commodidades. Inconteste a verdade que, com o decorrer dos tempos, a maneira de ensinar se foi desenvolvendo, ao influxo benefico das novas concepções scientificas, acampanhando *par e passo* o evoluir, lento, mas continuado, dos multiples ramos da actividade humana.

Aa lado de reformas sensiveis nos *modos e processos* de ensino, se fizeram radicaes transformações nos *metodos*, que foram, á luz meridiana de novas concepções pedagogicas, ampliados, e augmentados em seu numero, pelo accrescimento de outros que, erudições de nomeada proclamavam como a ultima palavra sobre o assumpto.

E, assim obdecendo ás leis naturaes da evolução geral, como tudo deste globo sublunar, o ensinar começou a ser visado pelo orbe illustrado, não como sendo uma cousa comestiva e immerecedora de attenções, só digna de modestia dos indefesos e desprezados mestres-escola, mas como a sublime arte difficil, crysol de responsabilidades, concretizando alcandorada de solidos principios doutrinarios, de formar, não seres irracionaes, de bestunto arraigado ao catechismo de ensinamentos inutes, mas seres conscientes, dominadores absolutos de sua razão, pharoleira segura.

Esta comprehensão elevada da arte de ensinar tiveram-n'a, ao perpassar dos annos, homens privilegiados que, apontando-a como excellente aos governantes, coagiram-n'os a tratarem-n'a com mais carinho, com mais amor, remodelando-a em suas minucias.

Creada a arte de ensinar, dogmatisados seos principios, como sequencia natural e logica surgiu, sympathica na sua constituição significativa, a *arte de ensinar a ensinar*.

Foi o surgir duma reunião racional de principios relativos á instrucção e educação constituindo, sob o nome de Pedagogia, uma *arte e sciencia*.

E, heje, para se ter foro de bom preceptor se ha mister de uma solida educação pedagogica.

Desconhecer a pedagogia é deixar-se ficar na anarchia apavorante dos ronceiros methodos do *tico-tico*; é apegar-se, com os tentáculos do ignorantismo crasso, á intoleravel cohorte dos pessimos meios de transmissão de ensinamentos que, seculos e seculos, no dominio da instrucção, teve foros de cidade.

E'-nos dorido reiterar a affirmativa de que, infelizmente, nas terras do Paraná, ainda ha muitos professores, por indolencia, rotineiros, seguidores intransigentes de velbarias inconcebiveis, que usam e abusam, *verbi-gratia* da *Santa Luzia* malvada, que, á calada do ambiente, cavatina nas mãos frageis de louras creancinhas a extranha musica dos bolos...

II

Ao Cyro Silva

Annualmente, por occasião dos exames que em todas as escolas do Estado se realizam, para pôr á prova publica o adiantamento dos alumnos e competencia dos professores, temos a grande dita de ser convidados para servir de arguidores como componentes das bancas examinadoras.

Esse cargo, que ás vezes veramente se torna espinhoso, pelo inesperado das difficuldades que se nos antolham, dá-nos a faculdade de aquilatar, com mais ou menos felicidade, do valor intellectual dos professores, bondade ou falhas de seos methodos de ensino, e resultados providos de seos esforços.

Dessa inspecção, a que já nós nos acostumamos, e a que tambem estamos sujeitos, nos tem advindo não pequena somma de conhecimentos praticos que, nos misteres delicados de nosso honroso officio, á minde, proficuas applicações terão.

Tambem de estudar a nossa organização escolar, resultou, dura na sua logica esmagadora, a verdade que em nosso artigo ultimo expendemos de que ha por ahí alem, mestres que ao contrario, absolutamente, do que deveram fazer, ficam em morbida inactividade, deixando correr tudo á vontade, sem procurar acompanhar o desenvolver continuo, incessante, da pedagogia, de que até ignoram a existencia.

E prova-a, e demonstrar essa verdade é cousa mui simples.

Á nós basta recordar factos, para fazel a, robustecida inatacavel, resurgir á luz da publicidade. Senão vejamos.

Sobre uma mesa, de uma das escolas de que fomos examinadores, em meio de uma livraria sem valor, encontramos um caderno em que se lia, em letras bem talhadas: *Licções de cousas*.

Folgamos, ao se nos deparar aquelle titulo que revelava que quem o escrevera estava a par dos preceitos estatuidos pelos methodos intuitivos.

Uma desillusão completa, logo após o folhear das primeiras paginas, ferio-nos acerbamente: só se tratava nellas de factos historicos que, de modo algum, pela maneira porque se encontravam, podiam ser considerados como constituindo *licções de cousas*.

Sophismando poder-se-ia aventar que o professor quizera graphar: *licções de cousas... historicas*. Isto é, porem, inadmissivel.

Aquella, portanto, a intuição do excellente methodo pratico, preconizado pelos grandes mestres da pedagogia hodierna, que tinha professora que, digamos de passagem, é muito laboriosa e cumpridora de seos deveres.

Mas, tambem cumpridora de seos deveres era uma outra que ensinava a seos alumnos que os limites do Paraná eram: ao N. e N.E. S. Paulo, a L. o oceano Atlantico e... ao Sul... *Santa Catharina*...

Quando ouvimos dos labios duma innocente creança essa heresia patriotica protestamos, como paranaenses e como amantes incondicionaes da verdade historica.

Com quatro pedras na mão salta-nos á frente a professora *illustre* allegando que eram aquelles os limites dados pelo livro que, em aula adoptava!!

Diante dessa prova exuberante da ignorancia que promptificava no cerebro retrogrado da educacionista, sentimo-nos humilhados, tomando o alvedrio de corrigir-lhe o modo erroneo de ensinar, prejudicial aos interesses secrosantos de nossa terra amada.

E, factos como esses, no nosso curto tirocinio professoral temos, innumeradas vezes, observado.

III

Ao Arisleu Bittencourt.

Por certo a muita gente o que temos dito, com a incoloridade de nossas phrases concatenadas sem *arrière pensée* de fazer estylo e esthetisar a forma, não terá agrado provocando manifestação entusiastica de uma solidariedade á *outrance*.

Em compensação, e isto nos rejubila immensamente, embora partidos de uma minoria, temos tido o apoio e incentivações reiteradas de collegas de valor e colendos amigos da Instrucção.

E, como agradar a todos, si verdades que dormiam sob a complacencia publica nós vimos trazendo a publico, para que os que procedem de encontro a ellas corrijam-se e concorram com seo contingente para o engrandecimento da instrucção, a causa motriz do progredir seguro de um povo?

O intuito, porém, nosso não é ferir individualidades, nem procurar conquistar um nome — outros os nossos fins ; diversa a nossa aspiração.

E' que, tendo cursado a Escola Normal, fôco intenso de luz, que prepara o homem para as luctas contra o ignorantismo, para a elevação moral de seos semelhantes, aprendemos ali, nas licções dos mestres consagrados, a ter bem alto, bem elevado, tudo o que se refira á mais santa das causas pelas quaes a indefesa humanidade se debate.

E' que, bebendo, com a soffreguidão dos sequiosos, os conhecimentos dos mestres acostumamo-nos a encarar o ensino como um sacerdocio magno e o professor como um respeitavel sacerdote, que deve estar aparelhado, moral e intellectualmente, para as grandes pugnas incruentas, mas ardorosas, em que tem de tomar parte.

E' que nós, que aprendemos a idealisar, sob a influencia da palavra proveitosa dos pedagogos, um typo de professor que jamais seja suspeitado de ser discipulo de Tartufo e amante das theorias jesuiticas, que não professe a aviltante doutrina da hypocrisia, doe ver deturpados me'odos, modificadas theorias, torcidos preceitos.

Ante, portanto, factos que se nos deparam como argumentos irrefutaveis, esboroiando defezas premeditadas dos que possam cobrir-se com a carapuça de nossas asserções justas, nós, que temos a mania de escrever, resolvemos traçar esta serie de artigos, que se desenvolverá em mais tres outros em que cuidaremos de assumptos que se refiram á instrucção.

Quem quizera metter hombros á tarefa ingrata da defeza daquelles que conspurcam, pelo pouco caso que lhe ligam, a profissão nobre de mestres, que occupam, a um ponto podiam se apegar, como o naufrago a um escolho que, a medo, mostra as pontas á tona da superficie agitada do mar — a decantada falta de um bom regulamento.

Fraca seria a escapatoria — se com o que temos, que pouco tem de bom e muito de velharias, de ha muito sanadas dos hodiernos regulamentos de instrucção, ha quem prevarique, indo de encontro á estatuições suas insophismaveis, quanto mais com outro cuja execução fosse, continua e exigentemente, feita !

Manuseie-se o actual acervo de cousas irrisorias, intitulado espalhafatosamente *Regulamento Geral da Instrucção Publica do Paraná*, acompanhe-se de perto ao trabalhar de nossos mestres e veremos em quanta falta, em quanta incorrecção, em quanta censura incorrem todos, notein, todos !!

Não ha excepção — a começar pelas mais altas autoridades, no decrescendo natural, até as mais humildes pessoas que se occupam nos misteres relativos á Instrucção, neste ou naquelle ponto contrariam os dispositivos insophismaveis do Regulamento.

Allegam — o Regulamento é dos tempos de antanho, é um con-

juncto de principios estigmatizados pela moderna orientação pedagogica, é uma cousa irracional.

Mas, senhores seja ! — emquanto, porém, elle tiver força de lei, emquanto elle tiver o beneplacito da responsabilidade official — deve ser seguida á risca, indiscutivelmente.

Por exemplo não preceitua, claramente, o Regulamento que os professores publicos só não devem dar aula aos domingos e dias feriados ?

Dá-se isso ? Qual ! A influencia religiosa supera obices legaes — aos dias santos as escolas fecham-se, dando folgas ás creanças !

Se é do pacto fundamental republicano que o Estado não tem religião, obvio que funcionarios seguirem-n'a é procederem inconstitucionalmente, é incorrerem em falta, passivel de censura.

Mas quem ha, nas alturas das fiscalisações governamentais, que possa chamar a attenção dos prevaricadores que avultam por toda parte, se o exemplo vem de cima, parte de onde jamais devera vir ?

E mister não é que, a este estado de cousas, se ponha um termino proveitoso, fazendo tudo entrar nos eixos ?

Sim. Para isso é necessario que os competentes mettam mãos á obra, e façam com que o Paraná, orgulhoso, como o Espirito Santo, possa clamar alto que possui uma excellente instrucção popular.

IV

Ao Victor Grein

Quanto professor illustre, quanta competencia vasta, quanta dedicação incansavel, a par dos maos elementos, pullulam luctando com a falta de auxilios imprescendiveis, para o bom desempenho das funcções dos cargos de que estão investidos, quantos !

Saidos da Escola Normal, onde um racional, e naturalmente desenvolvido ensino, encheo as suas cabeças de bellos conhecimentos, que para serem proveitosamente empregados, necessitam de boas e bem organisadas colleções de objectos para o ministrar das licções praticas, elles logo se veem a braços com a falta absoluta desses meios adjuvatorios.

E os conhecimentos, que por qualquer modo de ensine, o mestre tem que transmittir aos alumnos, lá o diz o Regulamento, serão eminentemente praticos, visando se mais ferir os sentidos dos infantis seres, que sua memoria.

Nesta collisão difficil o professor normalista, joven inexperiente, em cujo cerebro fervido turbilhonam ideas alcandoradas de pleno respeito ás leis, de grande amor as determinações que promanam das autoridades constituidas, encontra-se ante o dilemma fatal — ou segue o Regulamento, applicando veramemente os conhecimentos que adquirio nos bancos das escolas secundarias, fazendo então por sua conta, a montagem custosa dos museos escolares, ou pula por sobre o artigo que estatue o ensino pratico.

Proceder da primeira maneira é lhe, acima de tudo, impossível — a remuneração que tem pelo esforço que faz em illustrar os espiritos de meninos, das mais variadas intelligencias, é diminuta, malmente chegando para as despesas inadiáveis, e não pequenas, de sua manutenção diuturna e representação official.

Mesmo, seria um absurdo o professor dispendir, com a aquisição de objectos para a escola que rege, os quaes são summamente necessarios ao ensino intuitivo, os magros e atrasadamente pagos, ordenados.

No outro caso, seguir a segunda via do dilemma, isto é, deixar de cumprir a praxe determinada obviamente pelo Regulamento, é incorrer na pena justa de transgressor das leis.

Seguida a primeira vereda, não cumpridas as determinações legais, o magister muito logica e racionalmente será inculcado de mau professor, não cumpridor de seus deveres.

Se sair pela segunda immediatamente esbarrará com o abantesma do Regulamento, que o chamará á ordem, fazendo-o vir ás boas.

Eis ahí. Mas a causa, no caso, que se nos afigura de não mui ardua solução, já não é mais o Regulamento, pois que sua intenção, foi boa, foi excellente.

A origem do mal, que ameaça como guante terrífico e qual espada de Damocles, a cabeça dos professores que só desejam cumprir as obrigações que lhe foram dadas pelo governo, é outra, e, cremos, não se faz mister que, em toda a linha a apontemos.

O mal é não haver o governo estadual os meios pecuniarios indispensaveis para correr ao amparo da classe que mais é merecedora da atenção dos governos, nos paizes que sabem que a fonte do engrandecer dos povos, perpetuando-os, em suas ascendentes gerações, é a unica e soberana, a Instrucção.

V

A D. Gabriella Nogueira

As difficuldades com que nós, aquelles que vivemos a lutar contra a ignorantismo, a querer matal-o, para fazer com que a humanidade consiga ascender á perfeição relativa, *luctamos*, são da monta, e ás vezes se nos apresentam com a força de insuperaveis.

A que apontamos, em nosso artigo passado, não tem a importancia de que a cercamos—ella é um corollario mui natural da balburdia que reina pelos campos da instrucção, e cujos culpados ninguem pode apontar, porque ante a barra do tribunal, e ao ouvir dos *paragraphos do libello*, todos os que propugnam pelo desenvolver do adiantamento do nosso povo, silentes, poriam á cabeça e barrete das *accusações* na certeza de que lhes ficaria ás mil maravilhas....

Outras, com a força das cousas graves, pezam demasiadamente sobre nossas responsabilidades—mas nós as supportamos com a paciencia e resignação dos bons, daquelles que não olham com *sympathia*

o brocardo que um politico de nomeada, que a morte, na sua furia insanamente devastadora, levou, emittio, para gaudio dos funcionarios prevaricadores, — *os empregos são meio de vida e não morte...*

E depois as circumstancias, multiplicadamente crescentes, auxiliam o praticar do principio infenso ao bem popular—impossível ao governo, que lucta para se desinvenilhar das peias fortes duma perigosa situação financeira, attender á todas as necessidades do importante ramo da publica administração.

As escolas que temos mantidas pelo governo, se acham desprovidas, quasi na sua totalidade, de tudo—perguntamos, assim de chofre, é viavel attender-se aos reclamos dos professores, provendo as aulas que dirigem daquillo que necessitam?

Não! Mas é possível também que o ensino continue a ser feito mancamente, com muitas falhas, que redundarão em prejuizo dos meninos, homens que serão de amanhã?

A resposta salta clara na sua negatividade.

Objectarão, os rotineiros de todas as occasiões, ostras que vivem apegadas ás rochas de suas conviniencias, que nascem do seu ignorantismo, como é que toda a vida se ensinou, aprendendo os que hoje são homens melhormente que as gerações actuaes?

Como? Foi porque, em sua maioria, como hoje acontece, os homens saídos dos bancos das escolas publicas continuavam a estudar, aperfeiçoando continuamente seus conhecimentos.

O que bebiam nos cursos primarios, ampliavam nas aulas secundarias, completavam nas escolas superiores, e limavam, burilavam na silenciosidade dos gabinetes fartamente repletos de seleccionadas obras.

Ficassem com o que aprenderam nas aulas primarias e veriamol-os tornados em seres desprovidos dos mais rudimentares conhecimentos....

Pegae um moço de hoje, submettei-o a um superficial exame e vel o-eis embatucar ás mais simples perguntas.

E não é só aos que aprenderam as primeiras letras que isso acontece.

Tambem gente illustre, que perlustrou institutos superiores, cae em erros indisciplaveis.

Um cidadão conhecemos, aliás bom orador, profundo conhecedor de cousas historicas que se relacionem com religiões, que ha pouco tempo, em exame, de cuja banca arguidora faziamos parte, deo provas exuberantissimas da mais requintada ignorancia em materia de numeros e grammatica.

Elle allegara foros de conhecedor dos principios grammaticaes, dissera ter sido alumno distincto das aulas de mathematica da escola militar...

Suppunhamos, por consequencia, que nos encontravamos á frente dum que, si não sabia mais de que nós, ao menos andaria ao nosso lado...

Mas a illusão, que pontificava fagueiramente em nossa imaginação, esvaio-se, desfazendo-se numa crua decepção.

Logo ás primeiras inquerições grammaticaes o homem se revelou um ignorantaço de marca; no quadro sendo examinado em arithmetica, então foi um horror!

Os mais distinctos alumnos das escolas publicas, dentro de pouco tempo, depois que as abandonam, tornam-se em grandes ignorantes.

Qual a causa do mal?

Para nós é a maneira porque os conhecimentos são transmittidos.

Pela organização de nossas escolas, legalmente em outros tempos, irregularmente na actualidade, todo o ensinar se alicerça na memoria.

A memoria, a traiçoeira, é a geradora das pequenas aguias que brilham como fulgor de genios incumbados nas aulas publicas, conseguindo, pela papagueação attonante das cousas que decoram, distincções, aggravadas com os louvores, e que são o galardão de seus esforços

A memoria em nossas escolas, é a causa motriz de tudo.

Qual o melhor alumno, o *mais intelligente*? E' o mais perfeito decorador!

Não é decorador, embora tenha uma nitida faculdade comprehensiva, é *burro*!

Nestas condições, por ser a memoria traiçoeira, não se dando ao fatigante labor de guardar *per omnia secula seculorum* aquillo que apprendeo durante o tirocinio escolar, o menino quando entra para o numero dos campeões do monumental *struggle for life*, olvida-se de tudo.

Mas é sua culpa, é dos professores a culpa?

E' dos methodos de ensino.

A transmissão dos conhecimentos deve repousar na observação, no raciocinio, auxiliados pela memoria.

Devemos mais falar á alma e aos sentidos, facilmente desatenciosos, da creança, que á faculdade de retenção, pelo decorar.

E, para isso, de que se é mister?

Bom material pedagogico — mappas, globos, quadros, oleogravuras, etc. etc.

E não havendo isso é possivel, é consentaneo com a boa razão, que se exija do magisterio o saneamento das faltas que causam o formar de monstrenços intellectuaes que no futuro serão os patriotas dirigentes dos destinos da nação?

Respondam os que nos tem accusado; respondam os que ligam a profissão que escolhemos para della viver, para della tirarmos os meios de nosso sustento.

VI

A Dario Vellozo.

Evitar que nossa patria, cujo futuro se prenuncia grandioso, continue, pela falta de um bem organizado serviço de instrucção, a ser doptada de verdadeiros monstrenços intellectuaes, devera ser o maximo empenho do governo.

Sim, monstrenços intellectuaes. Seres moralmente, seres intellectualmente imperfeitos.

Imperfeitos pela falta de aperfeiçoamento e olcandramento de suas falculdades moraes.

Imperfeitos pela fraqueza e ausencia de solidez nos conhecimentos que a memoria apprendeo, mas que sua intelligencia, não comprehendeu, portanto não assimilou.

Monstrenços parasitarios, sem energia, sem criterio—que, ou enveredam pelo portal da burocracia ou dão com os costados nas amuradas das desventuras, ou vivem aos vae e vens da sorte, sem norte seguro, soffrendo horrores.

«Investigadas as causas da quasi inefficacia dos resultados utilitarios da instrucção popular, inqueridas as mais urgentes necessidades do meio para logo se nos depara o improficuo da actual organização do ensino para dar á juventude aptidões de bem ganhar a subsistencia».

Dario Vellozo, nome que declinamos sempre com o maior respeito, nome do homem que, no Paraná, mais tem se debatido pela causa de que somos phalangistas humildes, escreveo as linhas acima.

Antecedeo-nos na enunciação do que affirmamos—a actual organização do ensino é falha em quasi todos os pontos.

«Os estudos de *Sciencia Social* de *Le Play*, principalmente os luminosos trabalhos de *Demolins*» levaram a Dario Vellozo a convicção de que falho era o systema de instrucção actual, e necessaria a fundação da *Escola Moderna*.

Presentemente, apoz insano estudar de annos, decorridos morosamente a frequentar escolas sem attracção, de ambientes miasmaticos, o menino se encontra quasi no marco de partida—antes elle sabia que nada sabia, depois julga que muito sabe, quando em verdade não passa de um semi-ignorante, que se assemelha aos capengas que trabalham por andar direito.

O joven, depois de ter emmalado myriades de honrosas distincções «se encontra com bagagem mais ou menos equivocada de noções theoricas,—incapaz de ganhar o pão».

A *Escola Moderna*, acrysolada concepção dum espirito de elite, summamente dedicado e affeito aos misteres delicados do mais importante dos ramos da actividade humana, remedia todo o mal.

O alumno actual, terminada a aprendizagem escolar— não tem elementos para nortear-se na vida; o alumno da *Escola Moderna* ter-

minado o tirocinio, que é certo, acha-se preparado convenientemente para enfrentar, com muita probabilidade de vencer, porque tem um contingente forte de conhecimentos racionalmente adquiridos, a lucta pela existencia.

O alumno das escolas actuaes é um rachitico—physico, intellectual e moral.

O alumno da *Escola Moderna*, cujas virtudes não nos cansaremos de apregoar, será um ser forte, herculeo—intellectualmente pela aquisição racional e proveitosa de conhecimentos uteis; moralmente, pelo robustecimento e polimento de suas faculdades, na convivencia com os docentes, no seguir de exemplos bons; physicamente, pela continuidade de seleccionados exercicios que revigorem seu organismo.

Podera o Paraná espalhar, pelo seu territorio, estabelecimentos de instrucção modelares da *Escola Moderna*!

Impossivel, porém, isso; a creação de uma Escola Moderna requer não pequenos dispendios e o nosso Estado não dispõe dos meios para a consecução vantajosa desse desejo.

Não quer isto dizer que nós nos deixemos ficar em inactividade.

Não! Impõe-se a reforma de nossa Instrucção.

Não reformar, como é antigo vezo—para reduzir vencimentos, para augmentar vencimentos, para se regulamentar principios draconianos, inaplicaveis.

Reformar, crear regulamento novo e obrigar que o pratiquem.

O engrandecer de um povo está na razão directa do estado de sua instrucção.

A perpetuação de uma nação depende da sua cultura—a ethologia cede seu papel á pedagogia para resolução do problema.

Sendo assim—não é justo que, descoberta a causa, determinados os effeitos, se procure prevenir, afim de que males sejam evitados?

O Paraná é parte do Brazil, o Brazil aspira um dia ser a primeira nação do mundo, portanto é de seu dever, como filho carinhoso, concorrer para que essa aspiração se realize.

Para isso o caminho se abre, é só enveredar—o caminho é o aperfeiçoamento dos meios de transmissão do ensino, o caminho é instruir o povo.

VII

A D. Julia Wanderley

Expendemos mais algumas considerações sobre assumptos pedagogicos e faremos ponto final.

Em nosso precedente escripto falámos, embora que por alto, sobre a necessidade que ha em se fazer uma reforma, quasi radical no departamento da instrucção publica.

Cumpra, agora, inquerir—remodelada, criteriosa e pensadamente a instrucção, doptando-a de todos os hodiernos melhoramentos, haveremos professores, haveremos a necessaria gente para desempenhar as funcções delicadas de transmissores de conhecimentos?

Não trepidamos em responder: temos, e a grande. Pessoal competente não faltará. E nós como professores, apesar de não nos incluirmos no rol dos illustrs, que conhecem perfeitamente a profissão, devido aos conhecimentos vastos que adquiriram e a pratica longa que têm, orgulhamo-nos sobejamente em affirmar—o Paraná a qualquer momento, por uma pequena selecção, poderá contar com um excellente corpo de professores. Sim—quando devera ser o contrario; quando devera só existir gente sem amar a profissão, sem conhecimentos—é uma honra o dizer-se que ha mestres paranaenses que não fariam má figura em qualquer parte do Brazil.

Sabendo-se quaes as difficuldades de toda marca que assoberbam o professorado, difficuldades moraes, materiaes, profissionaes, a gente sente-se admirado de que haja tanto abnegado que se desempenha, com garbo, mas com sacrificio, da missão espinhosa.

Sujeito geralmente, ás paixões politicas, si bem que se afaste de todo o contacto com a filha de Machiavel, elle soffre as maiores decepções, passa pelos maiores vexames.

Comnosco, que jamais nos prestamos a representar papeis em tricas politicas, deu-se uma occasião um facto interessante.

Escreviamos, como collaborador, em um jornal independente, cujo crime era dizer verdades, que não caminhavam aos mandões da politiquice local. E, por isso, por estamparmos simples artigos humoristicos, que não cheiravam a negocio politico, fomos accusados de opposicionista e alguém chegou a dizer que estavamos *cavando* a nossa remoção!

Embora foramos opposicionista, cremos que a constituição não nos tolheria a liberdade de emittir nossa opinião; mas no caso não tinhamos cor politica e, como cidadãos brasileiros, no gozo de seus direitos, poderíamos pensar da maneira que bem entendessemos.

Mas a politicagem cre que o professor deve-lhe estar plenamente sujeito, prestando-se a tudo. E assim quer derrubar sobre sua cabeça o guante do dominio completo....

....Depois em tudo deve haver o estimulo. Sem estimulo não ha progresso, sem estimulo não ha desenvolvimento. Ora imagine-se: um professor normalista que seja hoje nomeado para reger uma cadeia ganha o mesmo que um outro que trabalha a 45 annos!

E' justo isso? Não.

A carta não equipara, em saber, os seus possuidores.

Que valem medicos, advogados, professores sem pratica?

A theoria sem a pratica é improficua. E é justo, consequentemente que o aprendiz tenha o mesmo vencimento que o mestre?

Parece-nos que não.

E depois: ha pessoas que passam pelas bancas escolares, entram para a pratica e a vida inteira sempre se revelam fortes ignorantaços.

E' razoavel que essas vençam o mesmo que outras que aproveitaram o que aprenderam, aperfeiçoando mais tarde, por profundos estudos de gabinetes os seus conhecimentos?

Não. Todas as classes de funcionarios se succedem em ordem muito natural. Ha baixos e altos. Aquelles, pelo trabalho têm a esperança de, um dia, chegar a grandes alturas. Em qualquer epoca melhorarão de sorte; serão promovidos; ganharão mais.

Os professores normalistas? 2333333 ganham do dia em que foram nomeados ao dia em que morrerem.

E note-se, toda a sua actividade; todo o seu esforço: devem ser empregados no bom desempenho das funcções do cargo!

E alli! Nada de trabalho por fóra. Podem os vencimentos estar atrazados: Para professor nasceste, professor morrerás, sempre com o mesmo ordenado...

E' duro, mas é a verdade.

Não queremos barbaridades; não queremos grandezas: exigimos justiça.

Conseguidas as reformas, que urgem ser feitas, se quer o governo enveredar por vias mais desinvencilhadas de odices, serenado nosso pensar sobre a nossa situação — teremos de dar começo á gigante obra do levantamento moral da classe, fazendo-a impor-se á sympathia de todos. Unirmo-nos pois, que a união faz a força e entrarmos em acção destimidamente — eis o que nos cumprirá fazer.

Convocaremos congressos; fundaremos sociedades; publicaremos jornaes, — enfim, propugnaremos, por todos os meios licitos, para melhorarmos de conceito na opinião geral.

E havemos de conseguir. Certo teremos que lutar, e muito.

Mas com animo sereno e forte confiança, ingentemente, opporemos nossas forças ás forças adversarias, sem temor, encorajados.

RAUL GOMES.

Estudos sobre a letra A.

(Continuação)

A alguns nomes de logares seria difficil antepor o indicativo, pela incertesa do genero desses nomes mais que pela falta de euphonia.

Paris e Londres teem sido empregados com indicativo masculino por uns escriptores, e por outros com o feminino.

F. Mendes Pinto escreveu: «O Pekin. Esta cidade do Pekin, de que prometti dar... etc... porque se não ha de imaginar que é uma Roma, uma Constantinopla, uma Veneza, um Paris, um Londres, uma Sevilha, uma Lisboa, nem tora da Europa se ha de imaginar que é como Cairo».

«O Pekin, diz sempre M. Pinto, como ainda usamos apenas para algumas cidades a apposição do artigo (a Meca, a Havana, o Cairo o Havre). Nota-se tambem o genero que dá aos mesmos nomes:

um Paris, uma Lisboa. Com o adjectivo todo é de regra o emprego do masculino. No *Auto da Ave Maria*, pag. 35, diz: «Não achei em todo Athenas. Todo Valença em chapins». (J. Ribeiro).

«Este nosso Portugal é um paiz em que nem pode ser-se salteador de fama, de estrondo, de feroz sublimidade». (C. Branco).

«D. Pedro vae em pessoa a Portugal á testa da expedição». (A. Garrett).

«... queria muito, queria tanto como elle, a Portugal».

«Isto fizeram, cada um a seu modo, e o melhor que poderam, em Italia Crescimbeni, Quadrio, e Tiraboschi, em Inglaterra Blair, em França Chénier o tragico, La Harpe, Ginguené, Sainte Beuve, Villemain, Philarète Chasles, e em França tambem, mas para a Litteratura de Portugal e Brazil, o nosso muito amigo snr. Ferdinand Denis». Cast.

«Todas as tradições e monumentos das anti-sociaes torpezas da Grecia, do Lacio, de Babylonia, de Ninive, de Gomorrha, de Memphis, da China, da India, dos selvagens da Africa e da America... etc.» A. Cast.

«Aos tres A A A com que Jeremias se escusava de ser propheta das gentes, respondia Deus com Africa, Asia e America». A. Vieira.

Aos nomes de tratamento como: V. M., V. A., S. S. etc. so podem preceder as preposições, e portanto não podem estas ser accentuadas sem commetter-se erro, por faltar o segundo elemento da contracção, caso unico em que se exige o accento.

De conformidade, pois, com os bons escriptores antigos e modernos, e muito ao contrario do que usam muitos hoje em dia, deixamos de accentuar o a que precede esses nomes de tratamento, e escrevemos assim:—Peço a V. E., dirijo-me a V. A., imploro a V. S., etc.; e isto pela razão de se não dizer:—a S. S. está bom — a S. A. é indulgente,—a V. Ex. é modesto, etc.; empregando o adjectivo indicativo na designação. Exemplos:

«Amo a V. M.»—«Aconselharei a V. M.—Vou escrevendo a V. M.—Imagine V. M.»—«Certo que hei de contar a V. M.—Agora peço eu a V. M.» (D. F. Manoel).

E' erro accentuar o a que precede a fórmula do infinito verbal, por se não verificar de modo algum a crase em tal caso.

Deste como de todos os casos que tratamos, poderíamos citar muitissimos exemplos de bons escriptores, se os poucos exemplos que apresentamos não bastassem.

Bastava só o dizer-se resumidamente que, não sendo o infinito verbal precedido do indicativo (salvo quando substantivado), falta na referida fórmula verbal esse elemento (o indicativo), indispensavel á contracção, e onde não ha contracção não ha crase, e consequentemente não se emprega o accento, signal da crase.

Devemos pois escrever e pronunciar:—anda a estudar,—está a chegar,—vem a cantar,—demora-se a ler,—«estava a criar».

«... só agora começa a dar-me»... «dois invalidos a atormen-

tar o nosso Santos... .. porque não posso estar *a* fazer duas separadas... .. para me não ver forçado *a* fazel-o.

..... parto *a* ir abraçal-o... .. decidido *a* não morrer enquanto

..... .. não tenho *a* quem recorrer». A. Garrett.

«Agora está ella *a* estudar alto.

«... talentos *a* conversarem se lhe veiu *a* tornar familiar.

«... distrair-me *a* ver se ganha.

«Não dormimos *a* pensar no arranjo... .. que andava *a* preparar a filha.

«... e ponho-me *a* cantar... .. *a* prometter-me ceos, *a* pintar-me p'rigos». «La veem; corro *a* esconder-me.—..... acorde *a* sorrir. ... poz-se *a* zombar de nós....

«... e *a* rir-se...

«... chego *a* amar.»

«E eu *a* cuidar.... anda-se *a* crestar, ponha-se *a* andar... sair *a* passear.»

«Aquillo.... poz-se *a* palrar com o compadre e atrapalhou tudo. Muito custa *a* aturar homens.» «Ha de vir *a* saber. E eu *a* cuidar que me daria alviçasas. Estou *a* tremer.

«Sempre *a* dar ordens, *a* dar ordens.

«Que andarâ agora *a* fazer em lugar de estar aqui *a* receber as visitas.

«Estou *a* tremer com medo. Não o ves *a* falar com teu pae e o padrinho?... .. está *a* pedir a tua mão.

«Que está ahi a dizer? é gente boa *a* valer.

«... estava *a* ler. ...continuo *a* trabalhar. ca estou *a* tremer.

«... estão *a* tratar de ti. A.» Cast.

«Arrasta-se ahi *a* escorrer sangue.

«Tendes *a* perdoar na terra.

«Elle *a* ferir-me com toda a sorte de despresos, e eu *a* cicatrizar com lagrimas etc. «Contou-me *a* chorar.

«Está na capella *a* rezar... ou *a* chorar... .. E não receia que elle venha *a* pedir-lhe contas? C. Branco.

Substantivos ha que em sua simples designação são empregados como indicativo, mas dispensam-n'o quando empregados em sentido vago para designar circumstancia, meio ou instrumento de acção. E' quando dizemos:—*brigar a espada, a pistola, a rasteira, a cacete, a pau. Chuva a granel, — remedio a gotta, — palmo a palmo, — a bala*—(expressão hoje historica e que erroneamente se escreve—*á bala*).

A razão de se não accentuar o *A* nestes casos, é, como já dissemos, serem esses substantivos tomados em sentido generico, e pois não poder a phra e assim construida ter outro sentido além do que se lhe attribue.

Como os substantivos femininos nestes casos podem deixar al-

guma duvida sobre a existencia do indicativo, convem exemplificar com os substantivos masculinos.

Assim, dizemos:—*luctaram braço a braço, palmo a palmo, e não—palmo ao palmo,—brigaram a cacete, e não ao cacete,—a pau, a sabre etc.*

Eis um meio pratico de verificar-se a não existencia do indicativo: trocar o substantivo feminino pelo seu correspondente masculino. Ex.:

A celebre phrase de Floriano—*«A bala»*, de modo algum admite o accento. Se elle em vez da palavra—*bala*—houvesse empregado a sua correspondente masculina—*chumbo*,—teria dito—*a chumbo*—e não—*ao chumbo*—, e isto pela simples razão de se não verificar a concurrencia do indicativo, por ser a palavra—*chumbo* tomada em sentido generico.

Façamos igual raciocinio com a phrase—*brigar a pistola*,—trocando o substantivo feminino *pistola* pelo correspondente masculino—*revolver*,—e diremos—*brigar a revolver*.

Se dizemos—*brigar a florete, a pau, a cacete, etc.* sem accento, porque dizer—*brigar á faca, —á espada, — á pistola etc.* casos esses em que, como nos masculinos, não existe o indicativo?

Quem em taes casos accentuar o—*A*—erra, pois que essa lettra é mera preposição e se refere vaga e genericamente aos nomes—*faca, pistola, espada, etc.*

Para accentuar o—*A*—nesses casos, seria preciso tirar aos substantivos regidos por essa preposição o character da generalidade em que são empregados, e particularizal-os, *verbi gratia*: «Antonio e José brigavam *a* espada. Este, mais *á* espada do seu adversario que elle mesmo, dirigia repetidos golpes, e isto com a intenção de lh'a tirar.» Neste caso o—*A*—deve ser accentuado, pois sendo a referencia feita a uma espada determinada, existe o indicativo, que se contrae com a preposição. So em casos identicos e muito especiaes se deve accentuar o—*A*—.

Citemos alguns exemplos deste caso e de outros que se lhe approximam.

«... conserva-se *a* pé.

«... e que vou de hora *a* hora ganhando annos para a sepultura

«... hei de estar face *a* face duma mulher.» C. Branco.

«... é que se pode vir *a* galope. . .

«... que se não metto a lebre *a* caminho.» A. Cast.

O mesmo Castilho porêm empregou um caso destes tirando-lhe o character de generalidade. Eil-o: «Não é la mostrar que se está almejando pelo trazer ao rego».

«Não bastava recordar aos mortaes a morte de dia *a* dia. A. Cast.

«...que os embarquei *a* toda a pressa. Garrett.

«...depois que encarei face *a* face as testemunhas do meu crime». C. Br.

«...harto a compensa a consciencia de preencher inteiro, *a* espinho e espinho, a flor e flor o sublime encargo etc. . .

«Ousou e declarou-se a medo á sua formosa. ...o tempo vai fazendo a pouco e pouco o seu officio. ...se revêsa a uma e uma, ficando na roca... ..façam-no a frouxo e a granel.

«A preposição precedida e seguida do mesmo vocabulo exprime successão, ordem: *gotta a gotta, — tres a tres — palmo a palmo.*»

«A. Vieira emprega o — *A* — accentuado em caso identico, mas pondo no plural o nome bem como a contracção. Ex.:

«A primeira resolução de David quando viu a Saul só e sem defensa, foi cosel-o alli ás facadas».

Neste caso é admittivel o accento.

«Era de ver que Custodia lhe retirasse a pouco e pouco a confiança dos annos pueris». C. Branco.

«... porque contractando nós que comessemos igualmente estas uvas—*bago e bago*, —tu comes a tres e a quatro.

—...e quem vos disse a vós que fiz eu tal aleivosia?...

—...porque faltando-te eu primeiro no contracto comendo a *pa-res*, tu te calaste sem requereres tua justiça». M. Bernardes.

A preposição neste caso pode ser substituida pela conjuncção e, como em: *a hora e hora*, etc.

«Bago e bago. Parece que com mui leve differença de sentido, equivalem-se as particulas *e* e *a*. Poderia neste lugar estar escripto —*bago a bago*, e a unica differença é que a primeira fórma indica a quantidade, e a segunda, a progressão ou successão. Constantemente se encontram expressões analogas e de approximada equivalencia: *pouco a pouco—pouco e pouco—; um a um—um e um ; dois a dois, ou—dois e dois ; duas e duas*». Menina e Moça (Nota de J. Ribeiro).

O Visconde A. Castilho empregou nas «Palestras religiosas» a expressão «O dia dos finados».

Vem a proposito tratar aqui dum emprego erroneo da preposição —*de*— em certas locuções. São ellas: —*Chefe DE policia, — commissario DE policia, — secretario DE finanças*, e outras muito usadas até em papeis officiaes.

Resulta esse erro de se não attender a que nas citadas expressões não ha adjunctos restrictivos, mas simplesmente a designação de attribuições desses funcionarios publicos.

Porque não se diz tambem: —*commandante DE policia, — director DE instrucção publica, — secretario DE interior?*

Diga-se, pois: —*chefe DA policia, — commissario DA policia, — secretario DAS finanças*—assim como se diz: —*commandante DA policia, — director DA instrucção publica, — secretario DA instrucção publica, — presidente ou governador DO Estado, — par DO reino, — conselheiro, ministro DO reino ou DO Estado*.

Não se devem confundir estas phrases com outras em que entram adjunctos restrictivos, e que são: —*marechal DE mar e guerra, — general DE divisão, DE brigada, — cabo DE esquadra, — juiz DE direito, — escrivão DE orphans, — tabellião DE notas, — ajudante DE ordens, — official DE gabinete, — juiz DE orphans, — curador DE orphans*.

Estes qualificativos indicam funcções permanentes exercidas por

esses funcionarios, e são pois adjunctos restrictivos, ao passo que os outros indicam funcções accidentaes, passageiras.

De facto, não ha pessoas que exerçam effectivamente esses cargos, ou que tenham por profissão exercel-os, ou que se habilitem para isso, porêm exercem-n'os em commissão e temporariamente.

Se se allegar que é mais euphonico dizer — *chefe DE policia, — delegado DE policia*, etc., direi com Aulete que «O processo mechnico de consultar o ouvido, tantas vezes usado pelos nacionaes, não é applicavel em geral, ao emprego das preposições».

Na designação destas funcções permanentes, ha porêm uma excepção para as de — *juiz DO crime, — escrivão DO crime, DO civil*, etc., porque estes cargos são subdivisões ou departamentos da administração judiciaria, são funcções complementares dos cargos de juiz e de escrivão.

Parece que assim se explica esta excepção, ou ainda pela euphonia.

De facto, nem essas expressões soam bem, nem exprimiriamos com propriedade as funcções do juiz e do escrivão, se dissessemos — *juiz DE crime, — escrivão DE civil, — DE crime*.

Em Portugal são muito usadas na linguagem familiar as expressões em que ás variantes dos pronomes pessoas se antepõe a preposição — *A*.

Dizem, por exemplo: «*Eu se fosse a ti, — eu se fosse a V. Mc.*» etc.

No Brazil não ha casos de emprego semelhante, nem na linguagem rustica.

Esse modo de falar, comtudo, não deixa de ser um tanto gracioso e elegante, como modelo de linguagem despolida. E' por certo um provincialismo de exclusivo uso lusitano, de que traz o cunho.

Resta saber se é de uso só na linguagem familiar, ou se tambem é de uso erudito. O que é certo é que bons escriptores portuguezes, C. Branco e A. Castilho usaram taes expressões.

«Sabes tu o que eu fazia *se fosse a ti?* agora quando me fosse vestir, calçava uns sapatos de setim que te haviam de ficar *a matar*». A. Castilho.

«Isto de meninas, quando entram *a* cuidar que são bonitas, e *a* olharem muito para a sombra... a coisa não vae boa!...

«... *Eu se fosse a vocemecê*, comadre Custodia, o que fazia era mandal-a trabalhar em casa. De que serve tocar piano!» C. Branco.

«*A' casa da Correcção... A's Monicas...*»

«—E isso que é? perguntou o Serrano inexpressivamente.

«—E' uma especie de prisão *p'r'os* rapazes piquenos... *p'r'os* descarados *com'a ti*... La logo os endireitam». (Cañel).

Com os adjectivos possessivos não é arbitrario e emprego do indicativo, pois este quasi sempre modifica de certo modo o sentido do possessivo.

Para conhecermos os casos em que o indicativo deve ser empregado, convem estudarmos os eruditos philologos João Ribeiro, Julio Ribeiro e A. E. Costa e Cunha.

«Usa-se o artigo antes dos pronomes e adjectivos possessivos : meu, teu, vosso, seu, etc. : o meu chapéu, o teu carro».

«No estylo familiar pode ser supprimido o artigo : meu livro.

«Desde os documentos mais antigos nota-se este uso do artigo.

«Vê-se identica syntaxe nas orações da Egreja, de linguagem naturalmente antiga e pura : Venha a nós *o teu reino*, seja feita *a tua vontade*, etc. Nos antigos papeis officiaes : «a minha real camara», os meus dominios», etc.

«A presença do artigo modifica o sentido. Um grammatico poderia dizer :—«a syntaxe é meu dominio (uma das coisas que estudo), e a grammatica é o meu dominio».

«Vê-se que a locução—*o meu*—abrange o todo ; *meu*, apenas uma parte.

«D'ahi vem a suppressão frequente do artigo nos dizeres que exprimem ser unico o objecto possuido : meu estomago, minha cabeça, meu pae, minha mãe, minh'alma». João Ribeiro.

«Usa-se do artigo, muitas vezes junto aos adjectivos possessivos, ex : «A minha casa, os meus amigos, etc. Nestes casos o ouvido é que decide do emprego ou da omissão do artigo ; todavia o uso moderno propende mais para a omissão».

«Omitte-se o artigo : antes dos adjectivos possessivos seguidos de um nome de parentesco, «Minha mãe —meus tios. —Quando, porém, se quer distinguir com maior particularisação um parente por meio de uma palavra determinativa ou qualificativa, antepõe-se o artigo, ex : «O meu filho Jorge. —A minha cunhada solteira». Julio Ribeiro.

(Continua).

VERISSIMO DE SOUZA.

Director da Instrucção Publica

Para exercer interinamente o cargo de director geral da Instrucção Publica, durante o impedimento do funcionario effectivo, foi nomeado o illustrado paranaense Dr. Jayme Dormund dos Reis.

Foi geralmente mui bem acolhida a criteriosa escolha que recaiu na pessoa do nosso distincto coestadino pára o exercicio de tão importante encargo, porquanto o recém-nomeado, cheio de muita dedicação e amor para com a terra paranaense, a que tem prestado serviços mui excellentes, utilizará sem duvida a preciosa oportunidade de contribuir ainda mais para o progredimento do nosso querido Paraná.

Nossos cordiaes parabens ao novo e muito digno director.—V. S.

Cadeiras promiscuas :

- 1.^a Josephina Rocha—Escola Carvalho.
- 2.^a Elvira Faria Paraná—Rua Cabral.
- 3.^a Olivina Caron—Grupo Xavier da Silva.
- 4.^a Carolina Moreira » » » »
- 5.^a Rosa Pereira de Souza—Rua Coronel Dulcídio
- 6.^a Antonia Reginato—Rua Silva Jardim.
- 7.^a Maria do Carmo Gomes—Escola Tiradentes.
- 8.^a Maria Rosa Bittencourt—Rua da Liberdade.
- 9.^a Julia Seiler—Alto de S. Francisco.
- 10.^a Izabel Guimarães Schmidt—Rua Saldanha Marinho
- 11.^a Maria Correia de Miranda—Jardim da Infancia.

Escolas suburbanas :

Maria Angela Franco—Juvevê.
 Etelvina Taborda—Cajuru.
 Julia Martins Gomes—Uberaba.
 Julia Alice Loyola—Santa Quiteria.
 Maria da Luz Miró—Colonia Dantas.
 Vicentina Pinheiro—S. Nicoláo.
 Helena Xavier—Taquatua.
 Alice Cornelia Daniel—Batel.
 Maria da Luz Mello—Colonia Morgenau.
 Guilhermina Lisboa Gomes—Alto do Schaffer.

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PARTICULAR

- Escola Americana—Rua Commendador Araujo.
 » Nocturna Republicana—Rua Marechal Deodoro.
 » » Municipal—Travessa do Riachoelo.
 » de Artes e Industrias—Praça Tiradentes.
 » José Carvalho—Praça Zacarias.
 » Dante Alighiere—Praça Santos Andrade.
 » Alleman—Praça 19 de Dezembro.
 » » Particular—Rua 13 de Maio.
 » Conceição—Rua do Rosario.
 » S. José—Rua Aquidaban.
 » Bom Jesus—Praça da Republica.
 » Parochial Polaca—Rua 13 de Maio.
 Collegio Santa Julia—Rua Conselheiro Barradas.
 » Teuto Brasileiro—Rua do Rozario.
 » Santos Dumont—Rua Quinze de Novembro.
 » Paranaense—Rua Aquidabam.
 » Vianna—Rua Loureiro.
 » Santos Anjos—Rua Quinze de Novembro.
 » Soledade—Rua Ractcliff.
 Seminario S. José—Batel.